

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 138



Aventuras extraordinarias
dum policia secreto

A MÃO OCCULTA



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMPLETA NA EMPLUSITANA EDITORA
C. DO FERREGIAL 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL 23, LISBOA

168858-168858

♦ ♦ O REI DOS MARES ♦ ♦

AVENTURAS DO CAPITÃO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos —
— Publicação quinzenal em 8.º grande com capa artística a 2 réis —

Não se trata d'uma personagem fictícia; Morgan existiu. Viveu e perdeu na tradição como o pirata mais extraordinário de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são próprios apanha mão do aventureiro e da época em que asombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heróis inflexíveis que se tornaram lendas com os nomes sucessivos de Bonacoreiros e Filibusteros.

O auctor da obra, que vem dar a nobre, compulso todos os documentos que tratam da vida do Rei dos Mares, recolhendo as narrativas dos combates sangrentos que teve de sustentar e a terríveis proezas que fez ao seu victorioso. A vida dos oceanos com todos os seus perigos e realizações mysteriosas, para os olhos do leitor, mantém-se a attenção sempre desperta pela variedade e pelo inesperado das peripécias.

O REI DOS MARES

era como um verdadeiro príncipe, quasi como um Deus. Comandava os terríveis Filibusteros que infestavam as Antilhas e não pegava ternura aos estrangeiros a navegação pelo mar do mesmo nome. Nessas ilhas, segundo reza a tradição, é que os piratas enterravam as suas thesauras, de mistura com os cadáveres do inimigo. Depoendo a coroa não sómente d'um punho o de braves **MORGAN** tomou pela aborígenes as mais puerisimas não que tocou na tormenta extraída do mar. Depois, quando os seus Filibusteros se contavam por milhares, atacou os hespanheiros, e os seus destellos, destruiu-lhes as frota, invadiu-lhes as possessões, tomou de assalto as cidades mais fortes e melhor defendidas, entre as quaes devemos citar Panamá, a perla das colonias hespanholas.

As novidades que relatamos nas aventuras do **CAPITÃO MORGAN** serão publicadas em numeros quinzenaes —

Cada numero contendo uma **50**ª publicação mais **LETRA**
CCCC obra completa **REIS** de Portugal **CCCC**

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Meçam-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas — A Prostituição na Antiguidade Greca	300
Impedimentos de Roma Primitiva — Devasessão dos Romanos	30
III Modernisação Francesa — Tempos modernos	300
No prelo:	
IV (o ultimo volume Tempos modernos	300

Um romance completo por OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

== CADA VOLUME CONTE ==
== 14:00 LINHAS ==
DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

O homem das multitudes, de Pierre Zaccaria.
O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
A aposta maldita, por Jules de Gastyne.
Os Facas d'Oiro, por Paulo Figueira.
As filhas do povo, por Alexis Buener.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

♦ Sensacional romance de JULIO MARY

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS • um bom romance completo

100 maneiras de nos COM ARMAS
defendermos na rua
200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente
ilustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

♦ ♦ Edições luxuosissimas ♦ ♦
com bellas e numerosas gravuras intercaladas
em todo o texto

A Modern-Bibliotheca é constituída por edições luxuosas e artisticas; e insere as obras primas da melhor escriptura modernos.

Volumes publicados: :
I — Ditoso lar, por Marcel P. de Saint
II — Aphrodite, por Pierre Louys
III — Prima Laura, por Marcel Proust

500 Rs. Preço de cada volume 500
brochado

Numero 138 Lisboa, 8 de fevereiro de 1912 VI Anno

A MÃO OCCULTA

CAPITULO I

A estreia de Snatterbox

O sol ia rompendo, tingindo o céu d'um vermelho sangrento.

O golfo do Mexico, com as suas aguas de azul turquesa, estava envolto em nevoeiro, que o calor do sol ia pouco a pouco dissipando.

A areia da costa, sobre a qual vinham quebrar-se de vez em quando as ondas do oceano, parecia escura.

Pequenas ondas coroadas de espuma elevavam-se, brilhavam como pratas, por momentos á luz dubia do crepusculo e morriam.

As flores abriam as petalas e voltavam-se para o sol, que ia subindo e inundava a terra e o mar com os seus raios d'ouro.

Dois homens caminhavam pela encosta d'uma montanha cujo cimo era corado por uma pequena floresta. A accidentada paisagem que os dois caminheiros percorriam era situada junto á costa de Cuba, perto da Havana. De vez em quando, os dois homens perscrutavam com o olhar as proximidades, parando por momentos. Depois proseguiam, não escapando nem uma arvore, nem um rochedo ao seu exame.

— Continuo á crer, mestre, disse o mais joven dos dois, que fomos victimas d'um grave engano. Não vejo nada que possa guiar-nos nas nossas pesquisas. Quem sabe se fomos completamente desviados da pista e se, em lugar de virmos dar com o thesouro do

professor Clark chegamos ao convencimento de que Slip nos fez seguir uma pista falsa?

O companheiro do que fallára, que não era outro senão Sherlock Holmes, o policia universal não respondeu, occupado a abrir caminho através o matto. Estava justamente junto d'alguns arbustos de leguminosas e caçtos quando Harry Taxton, seu joven discipulo, começou olhando com attenção para uma arvore proxima.

— Cuidado, mestre! Com os demonios, o patife aponta para mim!

E deitou-se immediatamente no chão abrindo bem os braços, de fórma que o corpo, espalhando-se bem contra o matto, mal se via.

Ao mesmo tempo ouviu-se um tiro.

O echo repetiu a detonação varias vezes. Sherlock Holmes tinha se occultado atraz do tronco d'uma grossa palmeira, com a rapidez do relampago.

Como estava de costas voltadas para o mysterioso inimigo, não tinha podido vê-lo. Voltou-se e, n'esse momento ouviu-se segundo tiro.

Holmes, dando saltos prodigiosos, dirigiu-se como uma setta para o ponto de onde partira o ataque. O bandido, porém, mal desfechára a arma, puzera-se em fuga. Sherlock Holmes e Harry, que se havia levantado logo, procuraram baldosamente durante horas por entre o matto e na proxima floresta, sem encontrarem o mais leve vestigio do mysterioso alirador.

— Precisamos sair d'esta maldita floresta, exclamou finalmente Sherlock Holmes de mau humor.

Os dois homens começaram a caminhar em direcção á costa, até chegarem a uma larga estrada que ligava directamente com Havana, a capital de Cuba. Ao sairem da floresta, Sherlock Holmes tornou a voltar-se.

Os seus olhos d'uma espantosa acuidade, viram

Ad
82881
1594-59
124
1912 NO. 138

distintamente, na orla do bosque, um homem, vestindo o phantastic traje das Antilhas, occultar-se entre os ramos d'uma arvore sobre a qual se achava.

O policia ficou uns momentos parado, como se estivesse indeciso sobre a resolucao a tomar. Em seguida encolheu os hombros e seguiu o seu caminho em direccao á Havana, sem comminacão a Harry a sua nova descoberta.

O mestre e o discipulo occupavam-se na perseguição de Slip, um bandido que era superior a todos os outros criminosos em maldade, malicia, crueldade e arrojio.

Conseguiu, no seu ultimo encontro com Sherlock Holmes, escapar-se mais uma vez. O policia e Harry na esperança de o apañarem ainda sobre o mar, tinham continuado a perseguição, voltando no balleo "Hope of England". Mas Slip parecia ter desaparecido do orbe terraqueo.

Sherlock e Harry tinham desembarcado na Havana, sem encontrar mais leve vestigio de Slip. — O pequeno intruzinho que agora se deu com-nosco, compoz o pulito, depois d'um longo silencio, como se fallasse mais para si do que para Harry, deve provar-nos que não seguimos uma pista errada! O que não comprehendendo é a razão porque o patife atirou sobre ti, de preferencia a mim. Havia claridade bastante para elle me poder reconhecer tambem a mim. Não há duvida, porém, que os tiros eram destinados a ti.

— Tanto melhor, sr. Holmes! retorquiu Harry, sorrindo. Se os bandidos me procuram a mim, mais facilmente o mestre terá enjeio de pôr em pratica os seus planos. Confidia ainda a acreditar que o thesouro do professor Clark, que estamos farios de procurar, esteja realmente enterrado n'este bosque?

— Estás a fazer perguntas muito curiosas, querido Harry, respondeu Holmes sorrindo. Eu baseio-me juntamente na tua propria informação. O preto Jack, antigo companheiro de Slip, é que te comminacou que tinha escondido o thesouro do professor Clark n'um bosqueinho, a cinco horas de distancia da Havana. Nada mais ha que nos possa servir de indizio.

— O que é certo, porém, é que tu, na tua juvenil impaciencia, chagas muito rapidamente a uma convicção, se estás já plenamente convencido, apenas depois de tres horas de pesquisas, que todos os nossos esforços serão infructuosos!

Quando Sherlock Holmes trocava estas palavras com Harry, olhava de vez em quando em volta, para ver se algum os seguia. Não viu, porém, que havia do lado esquerdo da estrada uma larga valia, tão coberta de vegetação, que difficilmente se poderia vêr através. Ao longo d'essa valia, occulto pelas plantas, seguia um homem, vestido de côres hercaneas. Trazia um homem encardado em volta da cabeça e na mão direita a espingarda com a qual tinha atirado os dois tiros na floresta.

Não percebia, indubitavelmente, o que os dois ca-

minhantes iam dizendo, pois não prestava a minima attenção ás suas palavras; em compensação, não perdia um só dos seus movimentos; de vez em quando parava e levantava a espingarda. Parecia estar indeciso se devia ou não tentar novamente o assassinato, mas em seguida parecia não achar favoravel a nem o tempo nem o lugar e continuava a sua perseguição.

— Sabe, mestre, que o nosso amigo Snatterbox está muito zangado consigo? perguntou Harry passando alguns momentos, quando começavam a apparecer ao longe as primeiras casas da Havana.

— Está? Porquê?

— Porque o senhor não lhe permitiu que nos acompanhasse hoje? E realmente um grande castigo para elle, porque morre de curiosidade se, por acaso, não é informado detalhadamente sobre todos os nossos negocios.

Sherlock Holmes sorriu. Repentinamente, porém, a attenção foi sollicitada para o lado da valia, de onde uma voz leoa conhecida se fazia ouvir. — Então! Ladrão de cubano! gritava alguém com uma voz altanada. Que se fez eu? A valia é só tua? Desde quando é que gente limpa não pôde passar por aqui?

Estas phrases eram ditas com interrupções, entremeadas com umas paçadas surdas, acompanhadas de gritos de successo.

Sherlock Holmes e Harry chegaram justamente a tempo de ver um homem vestido á moda de Cuba, ajoelhado sobre o corpo de Snatterbox, socoando-o valentemente, enquanto Snatterbox, com os seus braços magníficos, tentava esboçar os gestos da defesa do aboto.

Harry reconheceu immediatamente o homem que na floresta tentava acortar-lhe com dois tiros. Nem elle nem Holmes, porém, podiam partir osintrinsecos ramos dos arbustos que cobriam a valia e lles interceptavam a passagem. Não tinham espaço para darem balanço e saltar, viam-se obrigados a trepar pelos asperos ramos. Esse pequeno espaço de tempo foi aproveitado pelo cubano para sacudir Snatterbox, que se vultava aparrado a elle, agarrar na espingarda e fugir através os campos.

Mal Snatterbox tinha conseguido firmar-se nas pernas, puxou por dois revólveres e deu, pelo menos, sete tiros, nenhum dos quaes acertou no fugitivo. Teria ainda atirado as ultimas cinco balas, se Sherlock Holmes tal não impedisse.

— Está doído, Snatterbox? Deixe andar o homem! Já não podemos pensar em alcançal-o.

Snatterbox, porém, luctou ainda desesperadamente com Sherlock Holmes, antes de se convencer a cessar o tiroteio.

— O quê? gritava elle com a sua voz altanada, então não posso atirar mais? Olhe que elle baten me, sr. Sherlock Holmes! baten-me, a mim, Jonathan Samuel Eliasar Snatterbox! Comprehendo o que isto quer dizer? Se o senhor fosse o dono dos meus pro-

prios ossos, já perceberia o que isto significa. E não hei-de poder dar um tiro n'um tipo d'aquelles?

Sherlock Holmes tirou-lhe o revólver e pol o na algeibra. Em seguida, pegou em Snatterbox por um braço e levou-o consigo.

Em primeiro lugar, o senhor foi com certeza o caçador da questão, disse o policia, e em segundo lugar, meu caro Snatterbox, achamo-nos em paiz estrangeiro, que possui os seus tribunales e acorridades e a n'uma terra em que nem o meu nome nem a minha vontade tem mais valor do que o d'outro qualquer habitante.

De pouquinho leviria o auxilio do governo norteamericano, supponho que quizesse prestar-m'o; não fallando já no que poderia succeder enquanto esse auxilio não apparecesse. Em terceiro lugar, não podemos pensar agora em apoderar-nos d'esse fíguro cujas feições, de resto, me ficaram bem gravadas na memoria. Se começássemos a persegui-lo, n'esta momento, ficaríamos de peor paragem; pode-me garantir, meu caro Snatterbox, que ali, na floresta, não estejam já uns cinco ou seis companheiros d'elle, que nos recebiam inesperadamente a tiro? Não devemos procurar por força apañar duas balas entre os olhos.

Snatterbox cruzou os braços e olhou com desprezo para Sherlock Holmes.

— Quer então deixal-o fugir?

— Não penso n'isso, meu querido Snatterbox! Por enquanto, porém, quero mostrar-lhe que não lhe dou importancia.

— E por que razão? se me é permitido saber.

— Por que desejo que elle torne a approximarse outra vez tanto de nós, que me seja possível agarral-o firmemente pelo pescoço.

— Julga sr. Holmes que elle seja tão estúpido?

— Eu, Jonathan Samuel Eliasar Snatterbox, dighe-me que aquelle sujeito nunca mais se arrisca a esir-nos nas mãos. Viu como em lhe dei um valente soco no estomago.

Sherlock Holmes habituado ás gabarolices do pequeno homem, replicou, interrogando:

— Como se encontrou o senhor com o homem?

— Muito simplesmente, grande mestre! Acordel repentinamente e percebi que o senhora Harry tinham partido. O senhor deixou-me dormir propositadamente, para poder andar á sua vontade, livre de mim. Não é bonito esse procedimento, meu mestre e senhor, e ainda ha de um dia arrepende-se de não se me levar a mim para se proteger. Vesti-me rapidamente e mandei vir o almoco. Já almogou mestre?

— Ainda não, meu caro Snatterbox. Mas que tem o almoco com o resto?

— E' porque estava envenenado, sr. Holmes!

— Ah!... Quem pôde ter interesse em envenenar-nos, quando chegámos agora mesmo...

— Ora experimente genial Holmes... verá as horreis dires que vai sentir. Nuncas, durante toda a

minha vida, me serviram um almoco tão miseravel. Fiquei furioso e resolvi ir procural-o.

— O creado teve o atrevimento de assegurar que o almoco era excellento, razão pela qual o souqui valentemente.

— Então podemos contar com lindas surpresas, se continuas a proceder d'esse modo, exclamou Sherlock Holmes. Continue, porém, a contar. Que succedeu depois do almoco?

Em seguida a esta pergunta, prou e olheu em volta com extremo cuidado; uma planicie desprovida de vegetação estendia-se para todos os lados, de forma que o policia podia obter a certeza de que ninguém o seguia.

— Pus-me a caminho, continuou Snatterbox. Bem sabe que prefiro tudo o que é romantico e não quero seguir os caminhos já trilhados por todos, como o senhor usa fazer.

— Muito amavel, sr. Snatterbox.

— Vim, pois, até aqui, onde estamos agora, e resolvi continuar o meu caminho segundo por esta valia fira, porque lá a fresa e podia examinar a floresta sem que pudesse ser visto.

— Al right! E depois!

— Depois... mais nada. Corri quanto pude, até que, de repente, vi-o vir com Harry Taxon. Enquanto estava olhando para cima, esbarrei com esse demónio, Calaneo, mestre, em que estado eu deixaria aquelle fíguro, se não tivesse a infelicidade d'elle me dar tão grande cabeçada no nariz que vi as estrelas e caí de costas. Elle foi cobardate bastante para se aproveitar da minha momentanea inferioridade, dando-me uma tarsia. E vom o senhor, mestre, ainda por cima, fazer-me censuras, prohibindo-me de matar um bandido, procedendo como se estivéssemos no centro de Nova York. E, contudo, o almoco estava envenenado e na estrada é-se assaltado e espancado com toda a naturalidade. Não acha ainda bastante?

— Não comprehendes que corremos o maior perigo?

— Quanto ao ultimo ponto, concordo que tem alguma razão, meu caro Snatterbox, retorquiu o pequeno policia. Apesar d'isso, as nossas opiniões sobre a situação são diferentes. Mas isso não tem importancia; ficamos amigos da mesma forma, não é verdade?

— Por esta vez perdôo lhe ainda, exclamou Snatterbox, apertando a mão do policia.

Attravessaram as ruas da Havana e approximaram-se do hotel. Mal o creado, que era um mulato, os viu, começou a um berreiro enusar-lhe o o policia viu-se instantaneamente rodeado, bem como os seus dois companheiros, peles restantes creados, furiosos qual alcaide de lobos, que gesticulavam apontando para o mulato. Este tinha ambos os braços cruzados sobre o ventre e caminhava tão curvado que parecia um ponto de interrogacao vivo.

— Que é isto? perguntou Sherlock Holmes em inglez. Snatterbox retorquiu:

—E' o creado a quem appliquei os meus conhecimentos de boar, mestre.

Foi necessario empregar toda a loquacidade de Sherlock Holmes, acompanhada d'algumas notas de dollar, para extinguir aquella ruidosa indignação. O que agravava angustiosamente o ventre com as mãos ambas, endireitou-se pensosamente e, de punhos fechados, avançou para Snatterbox, gritando-lhe n'um pessimo inglez:

—Eu haver de te spanhar um dia, meu pequeno! Haveres de receber tamanha dose de pancada, que lembres toda a tua vida.

Snatterbox voltou-se para o policia com ar triumphante:

—Ouvio, mestre? Cá está outra vez um a quer' dar pancada! Torno a dar-me os meus revolvers, sr. Holmes. Ou quer talvez tornar a responsabilidade do perigo em que fica a minha vida?

—Well! retorquiu o policia. Torna essa responsabilidade! Mas p'co-lhe encarecidamente, meu caro Snatterbox, que proceda com a maxima prudencia.

Snatterbox acquiesceu com um gesto, enquanto Sherlock Holmes abria a porta do seu quarto.

—Então não almoga, mestre?

O grande policia penetrou no seu quarto sem responder; Harry Taxon seguiu-o rapidamente. Snatterbox metteu as mãos no bolso e ficou no corredor indocile.

—Isto é uma patifaria, rugiu. Desde hontem que não como nada. Reflectiu um momento e em seguida approximou-se do creado, que permanecia no corredor, em attitude aggressiva. Era o mesmo a quem Snatterbox dera o socco.

—Querido amigo, perguntou-lhe Snatterbox com a sua voz affluada, não poderei obter qualquer coisa de comer?

—Tu podes receber pancadas, mas não comer!

Os olhos de Snatterbox brilharam de indignação. —De pancadas estou farto, gritou, o que quero é comer! E começou a dar varias classificações zoológicas. Quando viu que nada conseguia, mudou de tactica, levou a mão ao bolso e tirou uma nota de cinco dollars.

—Será bastante este balsamo para as tuas feridas?

Os olhos do creado dilataram-se ao verem a nota.

—Oh! exclamou, que lindo desenhão!

—Tambem acho, declarou Snatterbox. Pois este lindo bonequinho é para ti, se me trouxeres um bom almogo, que me contente e que não esteja envenenado.

O creado desapareceu. Cinco minutos depois Snatterbox viu-se em frente d'um bello almogo americano. Saboreou-o, sem largar os cinco dollars da mão.

O creado esperava pacientemente á porta.

Quando Snatterbox acabou, o creado pr'ntou:

—Apanha agora o boneco?

Snatterbox limpou conscienciosamente a bôca com o guardanapo e metteu a nota na algibeira.

—Nada!

—Mas tu ter prometido! retorquiu o creado ameaçadoramente.

—Sim, eu disse isso. Disse que apunhavas a nota se o almogo me agradasse. Mas como tal não succedeu o, pelo contrario, acho que foi um almogo vergonhoso, indigno d'um hotel com a fama que este tem, não...?

Snatterbox não p'oude concluir. O mulato chamou um collega e Snatterbox sentiu-se repentinamente agarrado.

Um d'elles lançou-lhe uma toalha sobre a cabeça, deitou-o na mesa e, em seguida, começaram ambos a applicar-lhe uma tarefa mestra, á moda cubana.

Os gritos de dor e de raiva eram amortecidos pela toalha. Quando Snatterbox p'oude libertar-se finalmente da toalha, já não viu ninguém. Correu para a porta e gritou todos os insultos que lhe vieram á cabeça, até que Sherlock Holmes, de mau humor, abriu a porta do seu quarto, dizendo-lhe que era melhor estar socgado e não incomodar os outros.

Snatterbox gritou-lhe:

—Os meus revolvers! Quero os meus revolvers!

O policia fêchou-lhe a porta na cara, e Snatterbox sentiu-se á mesa, appoiado a cabeça nas mãos e poz-se a architectar um plano de vingança.

CAPITULO II

A cabeça cortada

Sherlock Holmes tinha improvisado, com um pequeno espelho e uma cadeira, uma mesa de caracterisção. Estava rapando cuidadosamente a barba. Em frente d'elle estava sentado Harry Taxon.

—O melhor é escolheres uma cara vulgar, dizia Sherlock Holmes, continuando a conversa que fôra interrompida por Snatterbox.

—Felizmente, trouxe comigo a composição que dá a tua pelle uma cor bronzada, que é o que nos convém. Desvio que, pelo menos durante alguns dias, escapes por completo a todo e qualquer perigo.

—E teima então em se disfarçar em Harry Taxon?

—Teimo, sim. Mal chegamos aqui, estamos em face d'um novo enigma. Até que ponte slip concorre para isso, não posso eu saber, nem é indício bastante a pequena aventura que tivemos.

—O que é certo, porém, é que esse mysterioso cubano quer a tua e não a minha vida. Por conseguinte, ha qualquer coisa que te diz respeito, meu

querido Harry, e em eston firmemente resolveu a descobrir, o mais depressa possivel, o fio d'essa escura historia.

O genial criminalista acabara de se barbear e preparou-se para modificar inteiramente a expressão do rosto com uma pintura preparada especialmente para elle.

Lançava de vez em: quando um olhar a Harry, fixando-lhe bem as feições e, em seguida olhava para o espelho, para obter a mascara o mais semelhante possivel.

—Olhe que não é tão facil como parece, mestre! exclamou o joven discipulo. O mestre é muito mais alto que eu.

—Ninguém pôde notar essa differença, retorquiu o policia. Prepara o fato que trouxeste de Nova York. Vês como o cassaco e as calças me estão largos?

—Como conseguis o mestre tal coisa?

—Não é diffical, replicou Holmes, sorrindo. Contraio os musculos e os tendões, assim como, quando quero, p'arço ter o pescoço muito comprido e os hombros levantados, ou o contrario.

Enquanto Harry se apressava a cumprir a ordem do celebre policia, ia dizendo:

—Que vas fazer agora, sr. Holmes?

—Primeiro, vou, só, até ao bosquezinho, onde fôrmos hoje recebidos d'uma forma tão extranha, que meos a minha existencia em Cuba.

—São capazes de o matar com um tiro, occultes detraz d'alguma arvore, mestre! exclamou Harry assustado.

Sherlock Holmes abanou a cabeça.

—Nada receies! Agora, que sei que nos seguem passados a passo, e que estamos em perigo constantemente, conservareis os olhos bem abertos. Nada mais desejo que tornar a encontrar-me com aquelle arca ordinario cubano. Pensas que eu não tinha uma ideia preconcibida, quando impedi Snatterbox de gastar todas as balas dos seus revolvers? Podia elle acertar-lhe, o que não nos conviria.

Sherlock Holmes acabara de se vestir e estava em frente de Harry.

—E eu, mestre, que hei de fazer?

O celebre policia reflectiu uns momentos.

—Tu esperas até amanhã de manhã. Se a essa hora eu ainda não tiver voltado, seguirás a minha pista; eu hei de seguir o mesmo caminho de hontem; é positivo que vayas a precizar do teu auxilio. Se assim fôr, deixa Snatterbox comtigo. Apesar das grandes tolices que é capaz de praticar, estando sr., é muito capaz de ser util, estando vigiado por uma pessoa de juizo.

Sherlock Holmes apertou a mão a Harry e desapareceu.

Quando atravessava o corredor, Snatterbox espreitou por uma das portas.

—Olá, sr. Taxon, onde vas com tanta pressa?

Diga ao sr. Holmes que eu quero que elle me dê os meus...

Sherlock Holmes, porém, que por preço nenhum queria ser visto, esquivou-se o mais depressa que p'oude. Snatterbox ficou furioso.

—Que tolerário, hein! Hei de fazer queixa a Holmes d'este figurão, que pensa que é alguém.

Ao mesmo tempo, dirigiu-se para o quarto de Harry Taxon, mas, ao dar com elle, escapou-se-lhe um grito de assombro e deu dois passos para traz. Ficou parado no corredor a, estendendo medrosamente a cabeça, exclamou:

—E' o sr. Taxon, ou é o seu espirito?

—Sou eu mesmo, sr. Snatterbox, eu mesmo em carne e osso.

—Mas eu vi... eu... Que era aquillo? O senhor ou o seu espirito?

—Era apenas Holmes, meu caro.

—Holmes? Desde quando é que o senhor é Holmes? Ou Holmes é o senhor? Por Deus, só o diabo é capaz de adivinhar!

Snatterbox conseguiu, finalmente, perceber do que se tratava, depois de Harry o ter elucidado. Saltou d'um lado para o outro, como um boneco de borracha, exclamando:

—Sr. Taxon! Harry! Isso é uma ideia real! Holmes vas metter-se n'uma complicação medonha. E' um film animatographique ideal. Vou já buscar o meu *film photographique* e vou atraz d'elle.

Harry Taxon, porém, segurou-o energicamente por um hombro, dizendo-lhe:

—Não vas atraz d'elle, porque Sherlock Holmes prohibiu-o terminantemente. Sómente se elle não regressar amanhã de manhã, é que nós iremos ambos preoccupar.

E assim ficou assente. Como Harry não perdeu de vista Snatterbox nem um momento, este não p'oude seguir o policia, como tanto desejaria.

O celebre policia dirigira-se apressadamente para o bosquezinho situado a pequena distancia da Havana.

Sherlock Holmes seguia em silencio, com as mãos nos bolsos onde levava os revolvers. Quanto mais penetrava no bosque, tanto mais ia escurecendo em sua volta.

O policia tinha seguido um caminho differente do que fizera de manhã, para poder explorar a floresta n'um ponto mais afastado.

O facto do negro Jack ter fallado a verdade no ponto que dizia respeito á situação da floresta, que se achava realmente a cinco horas de distancia da Havana, fortaleceu-o na convicção de que o thesouro do professor Clark tivesse realmente ali sido escondido por Jack.

Jack era cubano; por consequencia, era natural que elle tivesse preferido a sua patria para esconder a sua preza.

Assim pensando e reflectindo, o policia, depois de

uma marcha de duas horas—havia sete horas que partira de Havana—obegou a uma clareira.

Parou, admirado e maravilhado.

A luz lançava os seus raios sobre a clareira, que era rodeada por uma coroa de castos. No centro viam-se as ruínas d'uma casa consagrada pelo fumo.

Um edifício, construído no seio d'uma floresta virgem de Cuba—esta uma descoberta própria para levar ao extremo o espanto do polícia.

Aproximou-se mais das ruínas. Ao afastar que o pé um pequeno bloco de pedra, ponde vêr que as ruínas não eram ainda muito antigas e que a casa que ali estivera tinha ardido há pouco tempo ainda.

A quem tinha ella pertencido? Quem tinha vivido ali?

Eram estes os pensamentos que preocupavam Sherlock Holmes.

Merguinhado nas suas reflexões, viu repentinamente, a uma cinco metros de distancia, um buraco na terra, que parecia ser a entrada d'alguma galeria subterranea e que mal se via, pois um grande bloco de pedra tapava o quasi por completo.

O genial polícia deu um passo n'essa direcção. Um sorriso de triumpho pairou-lhe nos labios, pois não duvidava que estava a seguir a verdadeira pista. E' verdade que suppunha também que alguém o precedera, pois associava a ideia do thesouro ao incendio da casa.

No momento em que Sherlock Holmes se preparava para transpor os blocos de pedra e approximarse da abertura, ergueram-se dos arbustos circumdantes uma meia dúzia de canos de espingarda. Uma voz sonora gritou-lhe:

—Pela Madona, senhor, não mais um passo! A' primeira tentativa de fuga matamol-o como a um cão!

Sherlock Holmes ficou alguns segundos indeciso, sem tirar as mãos dos bolsos.

A situação era critica. Quando voltou a cabeça para se orientar, viu se rodeado por seis espingardas, sem que lhe fôsse possível vêr os atiradores que, encobertos pelos ramos de exuberante vegetação, permaneciam invisíveis.

Temou as coisas a rir e retorquiu:

—Caballero, o convite que acaba de fazer-me é tão impróprio quanto delicado, tenho que confessar-lhe. Devo, porém, declarar-lhe que tenho muito que fazer e, por isso, peço-lhe que declare o que deseja com a maxima brevidade.

Sem que qualquer das espingardas se movesse, os ramos foram afastados para o lado e um cubano apresentou-se de braços cruzados em frente de Sherlock Holmes.

Um unico olhar bastou ao polícia para reconhecer n'elle o mesmo individuo que de manhã o tinha perseguido.

—Ah! é o senhor! exclamou Holmes, sem perder, nem por um momento, o seu bello humor, convencido

como estava de que era o unico meio de conseguir alguma coisa e de melhorar a sua situação. E' o senhor, caballero? Não sabia que era prohibido passear n'esta floresta, que o senhor, sem duvida, considerava sua propriedade.

Sherlock Holmes tinha fallado em inglez, e o cubano esforçou-se por responder na mesma lingua, apesar de a fallar mal.

—Não vale a pena incommodar-se, senhor! Escusa de experimentar modificar favoravelmente as minhas intenções. Admiro-me que um criminoso como o senhor tenha a coragem de fallar assim. Não foi muito esperto, da sua parte, atravessar a voltar aqui. O thesouro de sangue não o deixa descansar, hein? Compreendo caballero! Mas não guardamol-o—eu, Fernandez Garcia del Menares, en e meus fieis companheiros, e antes queremos vêr lançado o fogo a toa a Havana, do que ver este dinheiro de sangue sair d'aqui. A vossa infame acção, porém, que destruiu para sempre a felicidade da minha vida, que fez de mim um pobre desgraçado, tornou-me n'um tigre. O vosso sangue ha de ser para mim como champagne!

O vosso ultimo suspiro ha de encantar-me como me encanta o ultimo alento do touro, na praça! O vosso ultimo grito, cheio d'agonia e tortura, será musica deliciosa para mim e o vosso ultimo salto, antes da morte, terá para mim mais belleza do que a mais bella dança da Andaluzia. Compreendo-me agora, senhor? Que digo eu? Senhor?! Cão! Filho d'um cão! Percebeste?

Sherlock Holmes não fizera um movimento e deixara o homem fallar até ao fim, observando-o ao mesmo tempo fixamente.

—Certamente; percebi-o muito bem, senhor, retorquiu. Mas mesmo que não poderia ter fallado melhor e mais claro.

Assim dizendo, o seu olhar fixava-se na figura enérgica e forte do cubano. O extraordinario hespanhol que se chamava Fernandez Garcia del Menares era um homem de, no maximo, trinta e cinco annos. Uma barba negra emoldurada-lhe o rosto amarelado, e olhos negros chamejavam no fundo das orbitas. Havia n'elle tanto de sympathico como d'antipathico.

—Tira as tuas mãos dos bolsos, banditão! gritou Fernandez, aborrecido com a longa conversa. Senhores, assim d'ahi e abaixo com elle.

O polícia esperava que chegasse este momento. Tirando os revólveres da algibeira com a rapidez do relampago, apontou um para o hespanhol e, com o outro, ameaçava os inimigos ocultos nos arbustos, com um movimento circular do braço.

Talvez Sherlock Holmes não tivesse feito esta tentativa desesperada, que servia apenas para exasperar o hespanhol ao ultimo ponto, se, com a sua pratica e conhecimento dos criminosos, não tivesse supposto que o hespanhol estava só e que tinha collocado as espingardas nos arbustos para dar a impressão de estar ajudado por seis valentes companheiros.

D'esta vez, porém, Holmes enganara-se. Emquanto tinha ainda o revolver apontado para Fernandez, viu serem afastados repentinamente os ramos e apparecerem seis homens, todos armados de espingardas.

Eis precisos que fizesse um piko, para poder mover-se com a velocidade necessaria a manter em cheque os seis homens em sua volta. Emquanto dedicava a sua attenção a estes seis assaltantes, Fernandez conseguiu encontrar ensejo de lhe empurrar para cima o braço esquerdo, que empunhava o revolver com o qual ameaçava.

Ao mesmo tempo, lançou-se sobre Holmes; este, porém, deixou cair a sua espingarda e ponde agarrar Fernandez pelo pescoço, lançando-o a terra com a força gigantesca de que dispunha sempre nos momentos de perigo.

Ao mesmo tempo deu, com o outro revolver, tres tiros nos primeiros tres hespanhóis que iam lançar se a elle. Um dos assaltantes caiu mortalmente ferido. Este facto duplicou a furia dos restantes. Emquanto, com o braço esquerdo, lutava por dominar e manter no chão Fernandez, tinha de defender-se, com o direito de cinco homens.

Agarrou no da frente, que trazia a espingarda segura pelo cano e se preparava para lhe assentar uma pancada no cráneo com a coronha e, apertando-lhe as garras, atirou-o, com força espantosa, contra os que o seguiam. As cabeças chocaram-se e dois dos desgraçados caíram, mas o terceiro saltou sobre Sherlock Holmes, quando este não tinha nenhum dos braços livres e, enquanto lhe apertava o pescoço, o polícia recebeu uma pancada, dada por detrás, com a coronha d'uma espingarda, que lhe fez perder instantaneamente os sentidos.

Quando, algum tempo depois, voltou a si, o grande criminalista achou-se a' um logar extranho. Estava deitado, de pés e mãos amarrados, n'um corredor escuro.

Alguns archotes, espetados na parede, espalhavam a luz pallida, que augmentava ainda o ar tragico da scena.

A' esquerda e a direita do prisioneiro achavam-se seis homens que o tinham amarrado. Conversavam sem lingua hespanhola, e em voz baixa, de forma que Sherlock Holmes não percebia nem uma palavra.

Ao levantar os olhos para o tecto que era, sem duvida, um corredor subterraneo, viu um espectáculo estranho.

Ao fundo do corredor tinha sido construído uma especie de altar, feito com blocos de pedra. Sobre elle assentava uma Nossa Senhora, esculpida em madeira, uma preciosa obra d'arte, indubitavelmente roubada d'alguma igreja hespanhola ou cubana. Uma lampada vermelha estava pendurada sobre o improvisado altar.

O que encheu, porém, de pavor Sherlock Holmes, durante alguns momentos, foi a cabeça d'uma joven que não teria mais de dez annos e que vinha annos e que assentava sobre o altar. Difficilmente poderá suppor-

se coisas mais pavorosas. Dos dois lados d'esta cabeça cortada, pendiam longas e fartas tranças de cabello louro muito claro, uma raridade em Cuba.

O rosto podia ter sido primitivamente trigueiro, ou até mesmo muito branco; talvez tivesse tido olhos negros, talvez azues escuros; os labios eram talvez grossos ou enfillos finos e vermelhos como purpura; nada d'isto podia reconhecer-se agora. Apesar da cabeça estar completamente conservada e não evidenciar provas de decomposição, tinha se operado n'ella qualquer modificação, que Sherlock Holmes não estava apto a reconhecer.

Provavelmente, alguém tinha experimentado preparar a cabeça e tinha proceído inexpertamente.

Poderia quasi suppr-se uma mascara de gesso, se não existisse a cabeça inteira e, especialmente, se não fôsse o maravilhoso cabello louro que chegava quasi aos pés do altar. Os olhos também existiam, terríveis, fúlburos, parecendo que tinham sido collocadas nas orbitas duns grandes perolas, tão brancas, tão plásticas como elles eram. Os labios também existiam mas estavam contrahidos e endurecidos.

N'uma palavra: Sherlock Holmes tinha a impressão que aquella cabeça estava petrificada, como se fosse um achado prehistorico, de tempos ha muito diluidos em longínquos seculos, mas a forma da cabeça, as linhas maravilhosamente finas e delicadas do rosto, o nariz sobre o correcto, e o cabello encolado, luminoso e bem tratado não deixavam duvida que a creatura a quem pertencera aquella magnifica cabeça, tinha vivido havia pouco tempo ainda. O celebre polícia foi interrompido na sua observação por uma voz aspera.

Fernandez tinha entrado por um corredor lateral e fitava-o, dizendo:

—Ah! caballero, até que emfim voltou a si, o patife! Vêem como lhe brilham os olhos? Como o medo lhe faz tremer os labios.

Saltou sobre o prisioneiro, sedento de sangue, como um tigre, os olhos chamejantes, agarrou Sherlock Holmes pelo caxaco e levantou-o com força de campeão pelo forte, de forma que o polícia ficou voltado para o altar.

—Vás, maldito! Olha a tua victima. Vás o que fizeste? Não extremes, assassino, ao separar-se de a cabeça d'essa infeliz, de cuja confiança abuseste?

Deixou o prisioneiro e atirou-se para o altar, caindo de joelhos e levantando as mãos para a imagem da Virgem.

—Tu és testemunha, Santa Mãe de Deus, que tenho soffrido como nunca ninguém soffreu. O céu não pode condemnar-me, de ve euingar um crime tão infame!

Pegou com ambas as mãos na cabeça da assassina e começou contando uma longa historia em hespanhol, fallando ora com volubildade, ora interrompendo-se sufocado; gritando umas vezes, murmurando outras, de forma que o polícia, apesar de conhecer a lingua hespanhola, não pôde perceber uma

única palavra. Contudo, deprehendeu que aquelle mysterioso Fernandez Garcia do Monares devia ter amado a infeliz; que devia ter soffrido muito e muito soffria ainda.

— Ao mesmo tempo, Holmes comprehendeu que, indubitavelmente, e tomavam a elle, isto é, a Harry, pelo assassino.

— E' estranho, pensava o policia, enquanto os hespanhoes o olhavam com odio. Se eu não soubesse que Harry Taxon veio commigo para Cuba e que é portanto impossivel que tenha qualquer ligação, seja qual for, com tudo isto, ainda podia ser minhas duvidas. — As coisas não são tão tetricas como eu suppunha, pensou.

Apezar de os cubanos o terem amarrado e amordado, uma coisa lhes escapou.

Sherlock Holmes tinha sido atirado ao chão e amarrado, quando todos os seus musculos e tendões se achavam na maxima tensão, empregando elle toda a força dos seus braços. Como perdeu subitamente os sentidos, os musculos ficaram contrahidos enquanto os inimigos o amarravam cuidadosamente; Sherlock Holmes começou a pereber, com grande contentamento que, se encolhesse os musculos o mais possivel, as cordas que lhe envolviam as pernas e os braços ficariam largas.

Fernandez parecia ter sido atacado de loucura furiosa, ao recordar de novo o seu soffrimento. Levantou-se d'um salto, deu uma ordem aos seus subdiadados e estes arrastaram Sherlock Holmes até junto do improvisado altar sobre o qual estava collocada a cabeça da morta.

Fernandez tinha um punhal na mão.

— Confessa, bandido, que foste tu o assassino de Delores!

Sherlock Holmes contrahiu os musculos para não deixar vêr que as cordas estavam lansas e retorquiu.

— Não receio o teu punhal, Fernandez, pois tenho tido pouco com tudo isto como o padre da egreja a que pertencio aquella imagem.

— Deixa-te de phrases! gritou Fernandez furiosamente, approximando o punhal amparado de todos os olhos do policia. Deixa-te de desculpas. Conheço bastante as tuas maneiras utuosas e hypocritas!

«Ajoelha, cão! Faze as tuas ultimas orações, que quando ro'per o dia d'amanhã já estarás morto.

Assim dizendo, fez signal aos companheiros a Sherlock Holmes viu, com pavor, uma cruz tassamente feita, pouco mais ou menos do comprimento do seu corpo, que os homens arrastavam pelo corredor.

Sherlock Holmes levantou-se um pouco e tentou convencer-se com as seguintes palavras.

— Antes de mais nada, deve dizer-lhe, Fernandez Garcia del Monares, que não sou aquelle por quem me toma. Sou Sherlock Holmes e não lhes appareço como tal, mas sim disfarçado, fingindo ser um amigo e companheiro meu.

Esta defeza não obteve resultado. A resposta foi uma gargalhada de troça.

— Ouviram, amigos? E' Sherlock Holmes, o celebre policia! Desde quando é que Sherlock Holmes é um assassino? Desde quando é que elle penetra nas casas alheias, aproveitando-se da hospitalidade que lhe concedem, para cortar a cabeça ás mulheres?

«E's um grande fíguro, meu amigo Sherlock Holmes. E's tambem uma creatura phenomenol. E's Sherlock Holmes e és, ao mesmo tempo, o teu companheiro e amigo. E's duas pessoas ao mesmo tempo? Ouviram, meus amigos? Não, meu caro. Desde que as ultimas bruxas foram queimadas no meio da praça de Sevilha, já não ha pessoas que tenham o dom de ser duas entidades diferentes ao mesmo tempo!

Sherlock Holmes experimentou debalde explicar as coisas ao chefe da sociedade.

Os homens agarraram n'elle e puxaram-n'o brutalmente de fórma que o policia ficou deitado ao comprimento sobre a cruz.

Até ali, Sherlock Holmes tinha hesitado em efforçar resistencia, na esperança de conseguir, por bons modos, explicar o quiproquo, o erro em que laborava Fernandez. Agora, porém, tinha de pensar a serio na sua salvação, pois se conseguiram atá-lo á cruz, difficilmente lhe seria possivel depois libertar-se.

A situação tornou-se ainda mais angustiosa, quando o policia viu que um dos homens fôra buscar grandes pregos e um machado. Estes homens, que Holmes não sabia ainda se devia considerar bandidos ou loucos, preparavam-se, pois, para o crucificar com todas as regras da arte!

No momento em que caía sobre a cruz, e que uma aresta do madeiro lhe penetrou na carne do dorso, Sherlock Holmes encolheu as pernas, mettendo as quasi sob o corpo.

Com os hombros encorregou ao longo da trave e, dilatando os musculos das pernas tanto quanto podia, conseguiu pôr-se de pé. O resto passou-se n'im segundo. Sherlock Holmes estendeu por um momento os braços ao longo do corpo, inertes e molles como linhas. As cordas que o amarravam, tornadas largas, caíram-lhe ao longo do corpo. Em seguida, com a velocidade d'um raio, arrancou o punhal a um dos que lhe estavam mais proximos, cortando d'um só golpe as cordas que lhe prendiam os pés; infelizmente, ao fazê-lo, deixou cair o punhal.

Tudo isto se passara com tão phantastico rapidio, que nenhum dos presentes tinha podido tomar uma resolução. Agora, porém, que o policia estava livre, todos pereberam o que se passava. Com gritos selvagens, lançaram-se de novo sobre Sherlock Holmes.

Este reconou até á parede mais proxima, para estar coberto pelas costas.

Começou então uma luta desesperada entre elle e os restantes. Os hespanhoes estavam armados com os punhaes. Por felicidade, Fernandez gravava con-

tantemente aos companheiros que não o matassem, pois era necessario conservá-lo vivo.

— Elle não deve morrer como um *caballero*, gritava. Tem que morrer como um escravo! Como um criminoso! Deixem-n'o viver, para podermos crucificá-lo.

Os companheiros que, naturalmente, gostariam de assistir ao espectaculo da crucificação d'um homem, obedeceram-lhe.

A maior parte deixaram cair os punhaes, e caíram sobre o policia que se achava igualmente desarmado.

Os nobres *caballeros* hespanhoes tiveram então de aprender o que eram dois bons punhos ingleses, que tinham fama em toda a *Gran-Bretanha*.

Os braços do policia moviam-se com espantosa velocidade, ora para a direita, ora para a esquerda, ou para baixo ou para cima, de fórma que nada mais se via que um redemoinho. Um dos hespanhoes recebeu um sôco em cheio no nariz; outro apañou um golpe no queixo, dado de baixo para cima, que lhe fez perder a lingua, separando-lhe um bocado, ao servir ficou um olho negro como carvão; o quarto apañou um sôco formidavel na cabeça, que o fez ficar sentado alguns momentos no chão, indeciso, sem saber se a terra se movia realmente com aquella espantosa velocidade que a elle lhe parecia. Apezar d'isto tudo, os inimigos eram muitos.

Se a luta se efficiassem ao ar livre, teria sido facil ao policia evadir-se.

Mas ali nada podia fazer. Para fugir era necessario anniquillar até ao ultimo, os adversarios, de fórma que não lhe pudessem impedir a saída da estreita caverna. Os hespanhoes eram porém d'uma grande resistencia. Mal Sherlock Holmes tinha lançado um d'elles por terra, já outro o atacava, e quando este era inutilizado, já o primeiro estava de novo de pé.

O fim d'este terrivel combate, no qual Sherlock Holmes tinha de empregar toda a sua attenção, sem poder mexer-se de onde estava, não podia offerecer muitas vistas.

O genio criminalista já começava a sentir abandonarem-n'o as forças.

Fernandez, experimentou, dando um salto prodigioso, agarrar Holmes pelo pescoço.

O policia conseguia evitar o primeiro ataque, mas um outro adversario ponde dar-lhe um forte pontapé n'uma tibia e Sherlock Holmes desequilibrou-se. Quatro braços vigorosos agarraram-n'o fortemente, quando, repentinamente, se ouviu um tiro que rescou os tresdamente d'encontro ás paredes do corredor. Um dos assaltantes caiu, ferido de morte. Os restantes voltaram-se para os invasores e viram-se repentinamente em frente da dois homens que se lançaram no corredor, de revolver em punho.

Talvez se tivesse seguido nova e sangrenta luta, pois dois dos cinco hespanhoes tinham já pegado nas espingardas. Quando viram porém, o mesmo homem

com quem tinham acabado de combater e que, encostado á parede, parecia meio morto de cansaço, entrar de roldão pelo corredor, acompanhado d'um homenzinho estranho, bizarro, fôram tomados de pânico, como se vissem uma coisa sobrenatural, e puzeram-se desesperadamente em fuga por um corredor lateral que, como depois se viu, dava directamente para a floresta.

Harry desistiu de os perseguir, dirigido-se para Sherlock Holmes. Este reconbrou animo instantaneamente, depois que o seu fiel discipulo lhe deu a beber um gole de cognac.

— Chegaste a tempo, meu rapaz! disse o policia estendendo-lhe a mão, que Harry apertou commovido.

— Verdadeiramente, não era a hora combater, mas, mais tarde, retorquiu. Mas Snatterbox não me deixava socegar, de fórma que foi elle o verdadeiro causador da minha partida se effectuar mais cedo. Agora reparo: onde está Snatterbox?

Harry voltou-se, procurando Snatterbox, que tinha desaparecido, como se a terra o tivesse tragado. Chou em agito combativo, tinha seguido os fugitivos e deão em breve signal de si, fazendo um barreiro en-surdecedor, que obrigou o policia e Harry a correrem pelo corredor que os fugitivos tinham tapado com um pedaço de rocha que rolaram até á entrada.

O barreiro augmentou terrivelmente, e quanto mais Harry e Holmes se approximavam, mais pavorosa parecia.

Snatterbox estava pendurado da abertura por onde se saia, com o corpo para dentro do corredor. Tinha as mãos entaladas em cima, no ponto por onde tinha querido sair.

— Que succedeu, Snatterbox? inquiriu Sherlock Holmes, saltando para os hombros de Harry para poder afastar o peneço. Desça!

— Isso é bom de dizer! gritou Snatterbox. Os meus dedos, Deus do céu, os meus dedos!

Sherlock Holmes encostou um hombro á pedra e, depois de muitos esforços, conseguiu afastar o peneço.

— Esses diabos hespanhoes esmagaram-me os dedos! exclamou Snatterbox! apoiando-se nos cotovelos e saltando para fóra, onde começou os saltos, saudando os dedos, como se se estivesse atacado da dança de S. Vito.

Em seguida tentou penetrar novamente pela abertura, esbarrando com Harry, que pretendia sair. Entre ambos começou então uma luta que terminou por se desequilibrarem os dois, caindo para dentro do corredor subterraneo.

Sherlock Holmes rangou-se devaras.

— Que é isto, Snatterbox? O senhor está doido? Que pretende o senhor M de dentro?

Snatterbox proseguiu na lista de todos os santos, cujo nome ia invocando.

— O meu aparelho, a minha machinal! Deixei-a lá ficar.

Efectivamente, Snatterbox, para poder pegar nos

dois revolveres, tinha deixado cair a sua machina photographica. Encontrou-a no mesmo sitio e em bom estado.

Agora, ao atravessar pela segunda vez a caverna, deparou-se-lhe a macabra ornamentação, com a cabeça da rapariga.

—Oh! que maravilha! Isto é esplendido! Sr. Taxon! gritou, dirigido-se para a saída do corredor lateral.

—Que succede? Em nome de Deus ou do diabo Snatterbox, vem ou não vem? Julga que estamos dispostos a ficar aqui até que esses bandidos hespanhoes se lembrem de nos cercar?

—Só um momento! Venham cá abaixo. Sr. Taxon, querido sr. Taxon, venha! Segure n'esta cabeça —eis uma photographia que pôde ser exhibida mais de cem vezes. Na mão esquerda a cabeça, na direita o punhal; por detras de si o altar e a imagem da virgem — uma maravilha.

Harry Taxon respondeu, apostrofando-o severamente, Snatterbox, resolve-se, offendi-lo, a photographar apenas a cabeça. Em seguida, fechou a machina e começou correndo como um galgo, pois Holmes e Harry declararam-lhe que iam partir e o deixariam só.

Enquanto se passava esta scena com Snatterbox, Sherlock Holmes tinha examinado com cuidado os arredores, mas não encontrou virginal. Ajudado por Harry começou buscando a abertura d'alguem outro corredor, sempre na esperança de encontrar o thesouro do professor Clark, de que tanto se falára.

Nos corredores que Sherlock e Harry tinham descoberto não podia elle estar occulto.

Todas as buscas foram, porém, debalde e o celebre politico resolveu-se, finalmente, a seguir para o hotel.

Snatterbox seguia alguns passos atraz, amuado. Foi debalde que Harry fez ao mestre uma serie de perguntas.

As unicas palavras que conseguiu obter foi a informação de que o politico pensava em assistir a uma grande festa que a primeira sociedade da Havana ia realizar em breves dias.

CAPITULO III

A esmeralda verde

—Venha amanhã ao grande baile que se realisa no theatro Taxon, pediu o governador americano a Sherlock Holmes, que tinha ido visitá-lo, em companhia de Harry e de Snatterbox. O rico banqueiro Cabannos de uma festa. E' uma commemoração hespanhola, por qualquer motivo que eu ignoto. E' preciso que lhe diga que se não de passar mais de cem annos

primeiro que Cuba e especialmente Havana se tornem americanas, isto suppondo que Cuba permaneça até então em nosso poder. Se bem que os hespanhoes fossem os donos d'isto durante perto de trezentos e cincoenta annos, tambem nunca conseguiram converter e dominar por completo os cubanos. Consta, encontra com tanta frequencia sangue e habito hespanhoes como encontra actos.

Sherlock Holmes concordou.

—Já notei esse facto, senhor governador; tive um encontro desagradavel com alguns hespanhoes, um dos quaes, chamado Fernandez...

O governador interrompeu-o.

—Como? Temel-o novamente por cá? Esse homem não descança nem que eu o mande perseguir e prender por um batalhão de soldados de marinha. Mas que quer? Gosa da consideração de quasi todos os hespanhoes de Cuba e de Havana e não só de que succederia se eu, um dia, o processasse. De resto, elle não pratica nenhum acto declaradamente criminoso, se bem que eu esteja convencido de que elle conspira duma forma perigosa contra a America.

—Conhece esse Fernandez? perguntou Holmes com interesse.

—Ora se conheço! Foi um dos mais energicos e mais perigosos cabeceiras na longa guerra que a Hespanha teve contra os insurrectos cubanos. O seu ideal é Cuba livre! Desde 1898, quando a Hespanha nos cedeu Cuba, que elle vivia d'uma casa que tinha feito construir no meio d'uma floresta, a cinco horas de distancia d'aqui. Parecia não se importar com o que se passava, mas, em realidade trazia e traz sempre consigo um bando de descontentes e conspira contra o dominio americano. Desde que desappareceu a sua bella Dolores, ninguém sabe quem, nem porque o fizeram, mudou muito. Deitou fogo á propria casa, os primeiros tempos, ninguém soube d'elle Julgou-se, primeiro, que tivesse emigrado; é esta a primeira vez que torno a ouvir fallar d'elle.

—E não tem a menor suspeita, senhor governador, sobre quem terá cortado a cabeça á bella Dolores? Nem porque motivo?

—Infelizmente não, sr. Holmes! E' claro que a nossa policia occupou-se d'esse crime. Como, porém, nunca encontramos o cadaver de Dolores e Fernandez se recusa obstinadamente a entregar nos a cabeça, não podemos chegar a um resultado. Enfin, são coisas de Cuba! Cabeças cortadas não são caso unico sr. Holmes. Está então combinado? Terá o prazer de se apresentar aos aristocratas cubanos. Até á vista.

Sherlock Holmes dirigiu-se, acompanhado de Harry Taxon e de Snatterbox, aos passios e jardins da parte occidental da cidade. Era aqui que estavam situadas as casas dos ricos e immediatas da Havana.

Proximo da estação do caminho de ferro, passamos junto d'uma villa sumptuosa, rodeada de grandes e exuberantes jardins.

—Veja, mestre, que paraizes são as casas d'esta gente! exclamou Harry entusiasmado, olhando ora para o maravilhoso céu ora para os primorosos jardins.

Para melhor poder examinar as flores afastara-se do genial policia e estendeu a cabeça por sobre o gradimento, que era baixo, deparando-se-lhe uma bella figura de mulher, que passava no jardim.

A joven deveria contar desessete annos; o rosto cor de bronze era emoldurado por cabellos loiros magnificos; os olhos eram negros como carvão. Flegos e harmoniosos como a expressão do rosto, eram os movimentos da joven, que deu um grito ao ver surgir por sobre a grade a cabeça d'um homem.

Apenas, porém, tinha lançado um olhar a Harry, que ia retirar-se, elle cahiu noutros instantes em volta e dirigiu-se apressadamente a elle.

—E's tu? Como é imprudente, meu amigo! Torna cuidado, que eu vi Fernandez!

No mesmo momento ouviu-se o rir de varias pessoas, que estavam dentro de casa e a joven afastou-se apressadamente, lançando com os dedos um beijo a Harry. Snatterbox, que tinha estado ao lado d'elle, ouviu as palavras dirigidas a Harry e, ao querer em poleiar-se no gradimento, para olhar enroscado para dentro, virá ainda o ultimo movimento da rapariga.

—Que penal murmuro. Se ella me tivesse visto, não teria fugido!

Enquanto elle ficava com o seu pessimismo rosto ainda encostado ás grades, Harry voltou para junto do policia e contou-lhe em poucas palavras o succedido.

As confusões e trocas succedem-se, sem cessar, na Havana, sr. Holmes, e a rapariga tomou o nome de outro qualquer que, segundo parece, será o seu namorado e avisa-me que tomasse cuidado com Fernandez.

Sherlock Holmes acenou affirmativamente com a cabeça.

De tudo isto devemos concluir que existe uma pessoa aqui, na Havana, que tem praticado acções duvidosas e que sabe arranjar meio de se parecer comigo.

—Ou talvez se pareça realmente comigo, sem para isso ter concorrido.

—Não, meu amigo. N'este paiz, as pessoas não tem apparencia e meio de iglozes.

—Quem pôde saber como eu sou, para assim me imitar?

—Quem? Slip, por exemplo!

Harry abriu os olhos, espantado.

—Julga, então, que Slip esteja na Havana?

—Ha dois dias que me não restam duvidas a esse respeito, meu querido Harry. Mais ainda, estou convencido que elle se introduziu aqui procedendo da forma que o seu conselho passava-lhe supprer e que escolheu para isso, propositalmente, a tua figura, uma partida que já não a custando caro a ambos.

—Elle deve, porém, calcular que nós o reconheceremos immediatamente se o encontrarmos disfarçado em... Harry Taxon!

O mestre da todos os policias sorriu.

—Então tu crês, meu amigo, que elle continua a usar o mesmo disfarço? A esta hora está elle certamente transformado já n'alguém caballero cubano. Ora nós veremos!

—Que sorte que o senhor tem, Harry! interrompeu Snatterbox a conversa dos dois homens. Sabe quem era a rapariga que se apaixonou por si?

—Pôde dizer-se que foi: vêr-te e amar-te.

—Quem?

—E' sem duvida a filha do grande banqueiro Cabannos. Perguntei a um laçao a quem pertence a casa.

Sherlock Holmes lançou um olhar de intelligencia a Harry.

—Se a filha de Cabannos suppré que és Slip, meu Harry, approximou nos da exploração dos variados enigmas em que estamos envolvidos. Já por aqui pôdes supprer as surpresas que nos esperam.

—Ainda se recente da pancada na cabeça, não é verdade, mestre? perguntou Snatterbox atrevidamente. Como se pôde confundir Harry Taxon com Slip? Slip tem uma cara que parece de eloen e Harry, Harry tem a cara d'um homem que... umfim, escuso de dizer!

—E' melhor para si não dizer, é melhor, retorquiu Harry de mau humor.

Sherlock Holmes, porém, corrigiu:

—Se o senhor não muda, a coisa é séria. Estamos em fase da resolução, muito em breve, d'um caso importantissimo e eu não sinto nenhum prazer em vêr tudo enlutar-se com as suas arcanices.

—Olhe que não deixo de andar com os senhores, se me tratam tão mal! replicou Snatterbox offendido, e não voltou a dizer nem palavra.

O theatro Taxon fazia um effeito deslumbrante no dia em que a Sociedade hispano-cubano-americana ali se achou reunida, a convite do millionario Cabannos.

Aqui e além vis-se, a par das elegantes toilette parisienses das senhoras, e traje nobre das cubanas ricas, enquanto os homens vestiam todos casaca e gravata brancas.

A marinha de guerra americana estava representada por varios officios, cujas tardas azues contrastavam brillantemente com os vestidos azues das senhoras.

As orchestras eram nada menos de tres. Os fanfuteis e cadeiras tinham sido afastados e a plateia transformara-se n'uma grande sala de baile. Nas galerias achavam-se varios buffets, primorosamente servidos.

As pessoas mais importantes juntavam-se em volta do governador americano, que procedia ás apresentações de Sherlock Holmes, Harry Taxon e Snatterbox, que envergava uma casaca d'um corte inviolável.

—Veja, disse o governador para Sherlock Holmes.

Ali vem o futuro genro de sr. Cabannos, com a noiva e a irmã da noiva.

O governador voltou-se rapidamente, pois Snatterbox soltara um grito de espanto, de que Harry se vingou dando a lã de uma cotoveleira.

—Cale a bôca, Snatterbox, senão terá que se haver com Holmes.

No rosto do grande polícia nenhuma emoção transparecia. Os tres homens tinham feito ao mesmo tempo uma descoberta inacreditável, e que, em cada um deles, produziu um efeito diferente.

Emquanto Sherlock Holmes não desgrava os olhos dos recém-chegados, que estavam semidimurados por todos os presentes com a máxima deferência, Harry era assaltado por um terror que só a muito custo conseguia dominar, enquanto que Snatterbox começava a assustar-se de veras.

A filha mais velha de Cabannos, que penetrara na sala pelo braço d'um fogoso cubano, era a mesma creatura cuja cabeça Sherlock Holmes, Harry e Snatterbox tinham visto sobre o altar de pedra no corredor secreto dos hespanhoes.

Não podiam subsistir dúvidas! Harry chamava em vão em seu auxilio todo o seu bom senso. A semelhança era tão flagrante, os traços physiognomicos tão identicos, a formação do rosto tão perfeitamente igual, que não podiam negar-se, por melhor vontade que houvesse de fazê-lo.

—Desde quando é que uma pessoa pôde ficar o por a cabeça, á sua vontade, Harry? perguntou Snatterbox d'ahi a momentos, enquanto Sherlock Holmes se curvava profundamente em frente do par que o governador acabava de lhe apresentar.

Harry não respondeu. O celebre polícia endireitou-se e fitou o noivo da filha de Cabannos com maxima insistencia. Este, porém, não desviou o olhar, pelo contrario, retorquiu com outro olhar, tão cheio de soberancia, que encheu Harry não só de pasmo como de indignação.

Apesar da extraordinaria transformação porque passara, Harry reconheceu no noivo da filha de Cabannos, logo ao primeiro olhar, Slip, o criminoso que procuravam. Esta d'êra á pelle o tem acobreado, penillia a quem habita ou procede dos tropicos. Os olhos, antes tão claros, eram agora negros, effeito que elle conseguia obter, indubitavelmente, pelo arsenico ou outro qualquer medicamento. Os cabellos eram negros como azeviche; a transformação era realmente tão profunda, que talvez o mesmo Harry se deixasse iludir, se a sua attenção não se tivesse concentrado, desde o inicio da festa, na ideia de encontrar Slip disfarçado entre os convidados. Além d'isso, Slip, que podia disfarçar o rosto, não podia modificar os movimentos, que eram typicos e inconfundiveis.

Tinha uma figura impecavel e bella, e não era para admirar que a filha de Cabannes d'elle se enamorasse. —Até aqui está tudo claro, murmurou Harry Ta-

xon. Como apparece, porém, a cabeça d'esta rapariga na caverna dos hespanhoes?

Snatterbox, que tinha ouvido estas palavras se bem que pronunciadas em voz baixa, replicou, provavelmente para sua propria tranquillidade:

—E' bem facil de explicar, querido Harry! A cabeça que vimos não era verdadeira! Era imitação. Provavelmente alguma boneca de cabelleireiro roubada por elles.

—O senhor é que é um boneco de cabelleireiro, retorquiu-lhe Harry indignado.

Elle bem tinha visto que a cabeça era verdadeira, e não uma imitação, de gesso, de pedra ou de cêra.

E voltava a vêr ali, na sua frente, a mesma cabeça, assente sobre um pescoço maravilhoso, que pertencia a uma creatura notavel pela graça e pela beleza.

Enquanto o governador fazia varias apresentações, enquanto Sherlock Holmes e o conde Alvada, assim se fazia chamar Slip, estavam frente a frente, olhando-se fitos, como dois inimigos promptos para o combate, que se encontram no logar do d'ello, a attenção geral foi desviada para uma rapariga muito nova, que soltara um grito abafado.

Olhou para Harry com uma expressão de terror illimitado e cobriu os olhos com ambas as mãos, como se quizesse afastar uma imagem.

—Olhei E' a pequena a que o senhor fez dar volta ao mudo, segredou Snatterbox. Assentou a *señorita*, Harry elle indicou para a joven irmã da noiva do conde Alvada. Enquanto na vespera lhe fallara pela grade do jardim como a uma pessoa de confiança, parecia agora que o seu apparecimento a transtornára, enchendo-a de pavor. Como comprehender o que se estava passando?

Entretanto, a joven tinha-se dominado. Correspondendo á inclinação respectiva de Harry com um leve cumprimento de cabeça e pareceu esquecer tudo em seguida. Contudo, nos olhos da rapariga brillhava uma expressão perigosa e inquieta. O seu olhar ia constantemente d'um para o outro e Harry pôde observar distinctamente como ella lutava por pôr em ordem as ideias no cerebro abafado, ficando ora o conde Alvada, ora Harry.

O olhar de Harry dirigiu-se para Holmes. Esta estava entrecida numa conversação com a noiva de Alvada.

—Não acha, sr. T. xon, que este conde Alvada tem o mesmo ar arrogante de Slip? perguntou Snatterbox repentinamente, mordido por uma vaga suspeita.

Harry confirmou.

—Cortem-me a cabeça, se não é elle!

—Sendo assim, admire-mo, sr. Taxon, que elle deixe a noiva a fallar á vontade com o mestre! Se Sherlock Holmes deixa transparecer uma só palavra que provoque desconfiança na rapariga, os planos de Slip podem ir todos por água abaixo!

—Elle que procede tão á vontade, lá terá as suas

razões, murmurou Harry, seguindo o conde Alvada com olhares cheios d'odio. O conde conversava ora com uns, ora com outros, sendo constantemente o fisco da sociedade.

Entretanto, Harry reparou que os olhos do celebre polícia começavam novamente a examinar a filha de Cabannos e que, descendo ao longo do corpo, os seus olhares se fixaram em uma das mãos da sua interlocutora. Seguiu a mesma direcção e viu então que a noiva do conde Alvada trazia na mão direita um anel, cujo brilho era realmente proprio a chamar todas as attentões.

Era um simples anel d'ouro, no qual porém se enovantara uma esmeralda verde, d'um tal tamanho e d'um tal brilho, como Harry nunca vira. As luzes electricas reflectiam-se na superficie verde, que reemittia milhares de raios fulgurantes.

Harry Taxon approximou-se do genist criminalista e ouviu-o dizer:

—Que *maravilhoso* anel o seu, *señorita*!

—Com a maior *monchalance*, ella estendeu o braço. Pareceu a Harry que a via empallidecer.

—Agradeça-lhe? Ah! esse anel tem uma historia! E' uma joia que pertence ha muito á familia Cabannos, e que tem sido transmittida de geração em geração.

Em seguida, mudou rapidamente de conversa. Dirigindo-lhe o seu mais tostador sorriso, inclinou ligeiramente a cabeça para um dos lados e perguntou, fitando Holmes nos olhos:

—Digame, sr. Holmes, porque veio até á Havana? Está fazendo uma viagem á volta do mundo?

—Até certo ponto, *señorita*, assim é.

—Ando na perseguição d'um criminoso, que tem feito o que ninguém fizera ainda até hoje.

Elle sorriu.

—E quer prendê-lo? Aqui, na Havana? Então elle está aqui?

—Assim o julgo.

Elle ri.

Ahi não imagina como isso me interessa! A sua expressão tem qualquer coisa do maravilhoso, de romântico, que me atrai. Eu não posso phantasiar nada de mais bello, que poder ser sua aluma durante algum tempo.

—Tenho a certeza que se aborreceria em pouco tempo, replicou o polícia sorrindo.

N'este momento, um homem gordo, de barba grisalha, abriu passagem entre os convidados. Estendendo ao polícia a mão gorda, rebrilhante de anéis, e dizendo, ainda de longe:

—Ah! Ah! O sr. governador fallou-me agora mesmo de si, sr. Holmes. O senhor é o sr. Holmes, não é verdade? Reconheço-o pelo olhar. Eu chamo-me Cabannos, Rodrigo Cabannos! Não ha nenhuma das numerosas aventuras da sua vida que eu não conheça. E' extraordinario o interesse que o senhor me despertou!

«E tenho agora a felicidade de poder vê-lo em carne e osso!»

Pegou na mão direita do polícia com ambas as mãos e apertou-a. Sherlock Holmes curvou-se.

—Como vejo, occupa-se de minhas filhas.

«Não o deixamos á embora tão cedo, sr. Holmes. Deve assistir depois d'amanhã á grande revista naval da armada americana. Esperamos tres navios de guerra, não com jubilo, mas, comtudo, com interesse. Já fallou com minhas filhas, não é verdade? A mais velha, Maria, está quasi uma tenbera casada. Esta é a mais nova, Carmen, um demonio sem equal. Cumprimenta, Carmen.»

Cabannos reparou como Sherlock Holmes fixava constantemente a mão da mais velha das raparigas.

—Ah! sr. Holmes, admira a pedra?

—E' verdade! Devo confessar que raramente tenho visto uma pedra de tal fogo, d'este tamanho e de tanta pureza.

—Óreo bem, E' uma esmeralda de raro valor. Imagine, sr. Holmes, que uma das minhas avós avozou especialmente os descendentes, no seu testamento, que se acutelassem com este anel, mas não teve coragem de o vender. Affirmava que a esmeralda dava má sina. Effectivamente, minha avó, que o usou, foi assassinada por filibusteiros hespanhoes. Minha mãe morreu d'uma morte mysteriosa; tinha tambem uma aversão enorme a este anel e usou-o, por isso, raramente.

«Nós, porém, não somos supersticiosos, sr. Holmes. E' preciso que saiba que quasi todos os meus antepassados tinham sempre castelhano nas veias e as mulheres de Castella são as mais supersticiosas da superstitiosa Hespanha.»

—E não recusa, sr. Cabannos, que a maldição do anel possa ser fatal á sua filha Maria?

O banqueiro inclinou para traz a pezada cabeça, supportada por um curto pescoço e ria com força.

—Oh! não, sr. Holmes! Nós não somos supersticiosos, louvado seja Deus. A Maria usa o anel desde o dia em que fez dez annos. Puz-l'ho no dedo e pouco tempo depois só por milagre foi salva d'um grande desastre. Desde então nunca mais deixou de usá-lo e em vez da supposta infelicidade, que minha avó lhe attribuia, está provado que só lhe tem trazido felicidade. Isto que eu digo tambem é tolice, pois não creio nem n'uma nem n'outra coisa.

Cabannos, ao conversar assim com Sherlock Holmes, tinha-se afastado da mão dos numerosos convidados. Harry Taxon finda igualmente afastado d'elle.

Harry, que daria tudo por conhecer o segredo que Carmen, a filha mais nova de Cabannos, sonhava occultar tão repentinamente, conviou-a a dançar.

Com grande admiração sua, ella não recusou; pelo contrario! Com o mais amavel sorriso do mundo, appoiou-se-lhe ao braço e deslizou com elle pela sala. O conde Alvada abraça a danga com a noiva, Maria Cabannos:

—Que historia é essa, a que se referiu agora, sr. Cabannos? inquiriu Sherlock Holmes, chegando-se a um dos buffets e pedindo um refresco. Disse que a esmeralda tinha mostrado, uma segunda vez, que trazia felicidade.

Cabannos acenou afirmativamente.

—Certamente, sr. Holmes! A historia ainda não é velha! Imagine que, ha talvez uns seis mezes, minha filha dirigia-se ao continente americano, para visitar uma irmã minha, que vive na America. Na viagem de regresso, o vapor «Santa Cruz» teve ventos contrarios no golfo do Mexico e encalhou apenas a uns dois mil metros do pharol do Castillo del Morro.

—E sua filha achava-se a bordo do «Santa Cruz», sr. Cabannos?

—E' verdade. Se bem que se tomassem immediatamente todas as providencias para salvar o navio e os passageiros, o barco afundou-se completamente, antes que um bote ou um navio pudessem socorrer-o.

Era uma noite de grande tempestade; o golfo estava peior que o grande oceano. Infelizmente, o nosso porto não é abrigado, se bem que seja o mais bello do mundo. Perto d'um dos recifes, n'uma profundidade de vinte e cinco bracas, o «Santa Cruz» desappareceu com espantosa velocidade, morrendo todos.

Sherlock Holmes deixou ficar intacto o Sherry que pedira e passou a mão esquerda, pensativamente, pela testa.

—E sua filha Maria achava-se n'esse navio?

—Sim, senhor! A menina que o senhor acaba de ver, fresca e com saude. O susto que apañou ia-a matando e esteve bastante tempo quasi sem poder fallar; pouco a pouco, porém, voltou a normalidade, e...

—Sua filha, foi, pois, o unico passageiro que se salvou?

—Foi, mas não immediatamente. Choramola, naturalmente, durante longos mezes, considerando-a morta. Porém, um dia, quando nos achavamos na varanda da casa, ainda todos de luto, uma pessoa entrou no jardim.

—Parece... é... pensei, sem bem saber o que via e o que pensava. Minha mulher deu um grito horrivel e em frente de nós vimos a nossa filha Maria, que julgávamos morta! E tudo se esclareceu, de pois. Maria tinha sido apañada em um navio naufragado, quando leuvara com os outros. Desde creanças que habitava os meus filhos a familiarisaram-se com o mar. Foi ella a unica que o barco conseguiu salvar. Infelizmente, os pescadores não podiam voltar para o porto. A minha pobre Maria passou de mal a peor, pois teve de soffrer segunda vez os terrores da morte imminente. Os pescadores leuvaram quanto podiam contra o temporal, mas cada vez eram mais arrastados para longe da costa, e quando a manhã rompeu e as maris soçoo-gem, viram que estavam proximo d'uma das muitas ilhas que cobrem o estreito da Florida.

«Os pescadores conseguiram desembarcar. Minha filha, porém, em virtude dos tormentos por que pas-

son, e do susto, teve um febre cerebral. Pessoas caridosas, tiveram compaixão d'ella e trataram-na. Ella não podia, porém, dizer nem o nome, nem quem era, nem d'onde vinha. Semanas e semanas, esteve entre a vida e a morte, até que, finalmente, depois de alguns mezes, entrou em convalescencia.

«Logo que melhorou, a primeira coisa que fez, foi pôr-se a caminho e voltar para a Havana. Não é tudo isto milagroso?

—Não ha davi-da, murmurou o polica, e o senhor attribue á esmeralda essa salvacao?

—Oh! Não Senhora, não é isso que eu digo! Não attribuo nada á esmeralda; apenas digo que isso prova que não se lhe deve attribuir infelicidade, não se ha?

—Conforme! respondeu o polica, encolhendo os hombros.

Cabannos já não ouvia a ultima palavra. Tinha visto uns convidados para quem se dirigiu apressadamente, acotovelando uns e outros, e cumprimentando os recém-chegados com a mesma amabilidade de que usara para com o celebre polica.

Entretanto, as damas que dancavam refugiaram-se na galeria para, com os seus pares, tomarem algum refresco.

O polica estava justamente detras d'uma columna, indeciso, sem saber se devia ou não ficar na galeria ou se devia voltar para a sala, quando uma voz argentina de mulher nova, se ouviu perto d'ella.

—Traga dois chocolates!

Um creado fardado afastou-se, para cumprir a ordem de Holmes, olhando rapidamente para o lado, vir Carmen.

Ninguém reparava n'ella, pois havia um verdadeiro assalto ao buffet.

Um creado negro servia duas chavenas de chocolate, com pastéis e bombons, que collocou sobre uma pequena mesa de marmore, junto da qual estava Carmen, de pé, inclinada sobre a bandeja.

O creado afastou-se.

Carmen olhou rapidamente em volta, assegurando-se que ninguém a observava.

Não podia ver o grande criminalista, occulto pela columna.

Não se julgando expiada, tirou com incrível rapidez um pequenino frasco do decote do vestido e entornou o conteúdo n'uma das chavenas de chocolate.

Sherlock Holmes estava ainda meio indeciso, sem saber o que devesse fazer, quando Maria, a noiva de Alveda, se aproximou da menina.

As irmãs trocaram algumas palavras; Maria já a chogar a chavena de chocolate aos labios. Quando Carmen a observava, com a bocca meio aberta, quando Sherlock Holmes avançou resolutamente e, tirando a chavena das mãos de Maria, entornou o chocolate no chão.

—Oh! está louco? exclamou Maria, olhando o polica com um sorriso de antipathia.

Carmen deu um salto, cerrou os punhos e gritou para Holmes:

—Como pode o senhor atrever-se?... O senhor não é um gentleman! O senhor não é um cavalheiro.

—Antes não ser nada d'isso; do que ser um envenenador!, replicou o polica com o maximo socego. Carmen fez-se livida.

—Que quer dizer com isso? Quer talvez insinuar que eu...

Voltou-se rapidamente e dirigiu-se para o conde Alveda, que se aproximava rapidamente.

—Ajude-me, Miguel! Este homem offendeu-me!

O conde Alveda poz o monoculo e examinou Sherlock Holmes, junto de quem se collocara novamente Harry Taxon, com um olhar demorado e cheio de insolencia.

O descaramento d'este criminoso era phantastico.

Harry esperava uma collisio entre Sherlock Holmes e Slip. Nada d'isto se deu!

Slip provou que era não só audacioso como tambem habil e escurregadio como uma enguia. Baixou repentinamente os olhos, lançou de soslaio um olhar, meio reprehensivo meio significativo a Carmen e retorquiu:

—Como pódes affirmar semelhante coisa, querida Carmen. Este senhor é Sherlock Holmes, o mais celebre polica do mundo e, ao mesmo tempo, o mais distincto gentleman que tenho encontrado. O mais sr. Holmes, se a joven Carmen, com o ar da sua juvenute exaggerar e o incommodar.

Um ligeiro sorriso crispou os labios do polica. Inclinou-se em frente de Slip; Harry comprehendeu n'aquelle momento que Holmes não era peor actor que Slip, o verdadeiro rei dos criminosos.

Apenas Sherlock Holmes se afastara com Harry do grupo, este segredou:

—Isto é uma historia cheia das peripetias mais enigmaticas que tenho visto, sr. Holmes! Atrevi-me a dançar com Carmen. Affirmou-me que se tinha assustado ao vir-me, porque já me tinha encontrado um dia em Nova-York, n'umas circumstancias de que eu decerto nem soupevista.

—Sim? Então em que circumstancias foi? perguntou sorrindo o polica.

—Na occasião d'um combate que tivemos ao darmos com uma sociedade de muedeiros falsos. Ella estava então presa em poder d'elles.

O grande polica riu francamente.

—Essa pequena tem uma phantasia que lhe pode ser muito prejudicial. Que explicação deu ella decerto do extranho aviso que te fez junto do gradaemento da sua villa?

—Disse-me que o tinha feito porque tinha reconhecido em mim o seu salvador d'outro tempo. Fer-

nandez é por demais conhecido na Havana e ella logo calou-se que o mestre e eu viemos aqui na pista d'este handido.

Sherlock Holmes fez um gesto affirmativo.

—Bem, sei bastante, por agora. Tens razão, Harry: é um caso extranho e complicado.

Harry Taxon olhou em volta.

—Onde está Snatterbox, sr. Holmes? Não posso perdê-lo de vista nem um minuto, porque é mais fallador que uma velha beata.

Começaram ambos, mestre e discipulo, a persectar a sala, olhando para todos os lados.

—Ei! Ei! o, sr. Holmes! exclamou Harry Taxon, apontando para um dos pares que valsamava, e que estava despertando a attenção geral.

A dama via, sem americana, appareando ter dezeto annos, no pleno desabrochar das formas e coquette como todas as mulheres da sua nação. Nada mais bizarro que o contraste entre o pequeno Snatterbox, com as pernas arqueadas, e a viva e alta americana, que o fazia redemoinhar como louco pela sala.

Pararam finalmente. Snatterbox curvou-se profundamente perante a bella rapariga que, com um movimento encantador, afastou os negros cabellos que lhe caiam sobre a fronte, agradecendo com um sorriso ao seu par.

Snatterbox voltou-se e dispunha-se finalmente a afastar-se, quando esbarrrou nas pernas de um elegante tenente da marinha americana. O humilhante fez mengo de se collocar immediatamente em posição de box, e o official lançou-lhe um olhar tão amador que lhe desapareceram logo todas as veleidades de mostrar a sua pimponice. Afastou-se rapidamente e poz-se a observar o tenente de longe.

CAPITULO IV

A mão de gesso

Enquanto Sherlock Holmes concentrava toda a sua attenção no que se passava na sala, não passou despercebido a Harry que o conde Alveda saiu da sala com a sua noiva, Maria Cabannos. Harry Taxon procedeu como se estivesse examinando qualquer coisa do lado opposto, mas não perdeu de vista Alveda que, ao transpôr a porta, olhou novamente, certificando-se de que não era observado. Em seguida saiu, começando a descer, acompanhado pela bella joven, a grande escadaria de marmore. Harry dirigia-se para a porta, aproveitando sempre os convulsos de forma a estar sempre occulto se Alveda se voltasse. Chegadas ao jardim, que rodeava o theatro, pararam. Estavam por completo mergulhadas na escuridão e Harry que tinha de sair a porta do foyer, completamente

iluminado, arriacava-se a ser visto. Tomando subitamente uma resaca, deitou-se no chão e rastejou junto à parede, conseguindo assim seguir-se sem ser visto.

—Penetremos mais no jardim, segredo a joven. Alvida replicou:

—Não ha ninguém aqui. De resto, pouco temos a dizer. Exijo que trates do casamento com mais energia do que até aqui. Cabanos é nas tuas mãos um honra e faz o que tu queres! Quero que malles o ferro enquanto está frio. Ouves?

Harry, espantado de ouvir dois noivos fallarem assim, continuou escutando. Não pedia ver o rosto de Maria, mas ponde ouvir-lhe o som da voz, que se tornou aspera e cortante subitamente.

—Tu queres dar-me ordens? retorquiu com orgulho. Hei de proceder como muito bem entender, meu car.

Ouvia-se distintamente a respiração effante do conde Alvida, que tinha deixado cair a máscara por completo e começava fallando com um verdadeiro bandido que era, como Sliip.

—Se me não obedeceres, has de arrepender-te.

Ella teve uma risada de escarnio.

—Que tenho eu a recear?

—A morte!

—Oral Eu sei muito bem como me hei de defender de ti e temo cuidado!

—Sim? Vê lá não te illudas! Não me leves á ultima extremidade, senão.

A resposta foi um grito abafado. O conde Alvida tinha levantado repentinamente o braço e fê-lo tão alto que a mão ficou justamente na faixa de luz que, saindo do theatro, banhava uma parte do jardim. Harry ponde ver um punhal brilhar-lhe na mão. Não quiz saber se a intenção de Alvida era apenas assustar ou realmente matar a noiva. Fosse como fosse, Taxon já não poderia chegar a tempo de evitar um crime, se o conde Alvida não tivesse sido interrompido por um incidente inesperado.

—Aqui estão elles! gritou subitamente uma voz no jardim, e Harry viu tres pessoas que se lançaram brutalmente sobre o conde Alvida e a sua joven noiva.

O conde defendia-se como um leão contra os dois homens que o tinham subjugado. Uma luca horrivel começou.

Maria teria sido indubitavelmente rapta pelos saltadores, pois apesar dos seus gritos angustiosos, um d'elles tinha a tomado nos braços e corria já, fugindo através o jardim, se Harry não tivesse intervindo rapidamente.

Perseguiu o fugitivo, alcançou-o e obrigou-o a largar Maria.

Imediatamente, porém, uma luca corpo a corpo se seguiu.

A luz mostrou-se entre as nuvens e á luz dos seus raios Harry reconheceu o homem que, com toda a

força, arquejando, forcejava por lançal-o por terra.

Esse homem, que seguia com olhares de fogo a rapariga que fugia em direcção á casa, era Fernandez.

Se bem que fôsse um homem dotado de excepçãoal força physica, não podia competir com Harry, pois se o discípulo do celebre polica não tinha força igual, tinha dobrada destreza, habilitade e conhecimento de golpes de luca.

Alguns segundos apenas bastaram para lançar por terra Fernandez, com uma habil raptista. Antes, porém que pudesse lançar-se sobre elle, o espanhol tinha-se levantado e, com um salto prodigioso, saltára o gradeamento do jardim, desaparecendo na escuridão.

Entretanto, a luca com Alvida chegára ao seu termo. Sherlock Holmes não sabia o que se passava no jardim, quando se ouviram no theatro os gritos de Maria.

Foi o primeiro a descer as escadas a quatro e quatro, seguido de Cabanos e d'uma porção de convidados que se lançaram sobre os dois homens que tinham conseguido finalmente dominar o conde Alvida. Um d'elles tinha já puxado d'uma grande navalha, quando um valente soco do polica o deitou a terra.

Levantou-se, porém, immediatamente egípfico tres tres contra Sherlock Holmes, liros que não se acertaram, e que foram á causa da sua propria morte, pois que os convidados que acompanhavam o polica puxaram pelos seus revólvers e mataram os dois saltadores.

O conde Alvida levantou-se pensosamente e agradeceu aos seus salvadores.

Apareceram alguns credos com luzes, e tentou-se reconhecer os bandidos. Estes estavam vestidos á moda de Cuba, mas ninguém os conhecia, excepto Holmes e Harry. Só estes sabiam, que os dois homens eram acompanhados por Fernandez. O conde Alvida approximo-se do celebre polica e estendeu-lhe a mão.

—Estou-lhe profundamente reconhecido, sr. Holmes disse sorrindo. Não sei, realmente, como mereço tantas atenções da sua parte. Creio, porém, que o meu cerebro não descansará enquanto em não encontrar maneira de pagar todo o interesse que mostra ter por mim.

O celebre polica teve o seu velho e estranho sorriso, ao replicar:

—Os seus sentimentos de gratidão honram-nos, conde Alvida. Sem exigir paga pelo interesse que lhe tenho demonstrado, estou convulso certo que o seu honr não me esquece e estou sempre á sua ordens.

Os convidados que rodeavam os dois homens, estranharam estas curiosas phrases.

O conde Alvida, porém, a quem a resposta do polica parecia não agradar, replicou em voz alta:

—Parece-me, minhas senhoras e meus senhores, que a festa acabou. A musica acabou e a festa está tudo em grande confusão. Como, além d'isto já é tarde, tenho a honra de convidar os cavalheiros que não de-

sejam ainda deitar-se, a tomar uma taça de champagne. Voltou-se, em seguida para Sherlock Holmes acrescentando:—Creio que posso também contar com a sua compresencia, não é verdade, mestre?

—Certamente, retorquiu Holmes.

A festa tinha effectivamente terminado. Maria sentia-se quasi desfallecer e declarou descer receber immediatamente a casa. Carmen, ao contrario, tanto imploreu, tanto pediu ao pai, que este consentiu que ella se fôsse acompanhando. Foi de resto a unica-sesta hora, que com um pequeno grupo de homens, se dirigiu para o morado do conde Alvida. Envolto nos albos, atravessaram as escuras ruas da cidade, enquanto o theatro as luzes se iam apagando e as espigas iam partindo com os convidados.

Durante o caminho para a habitação do conde, um grande palacio, que ficava um pouco afastado da cidade, junto do porto, e onde em tempos morára, por curto espaço de tempo, o governador inglez, — Sherlock Holmes disse para Harry:

—Não te sentes nervoso?

—Não sei porquê?

—Pois creio que vamos ter algumas surpresas, comprehendes? Coisas pelas quaes não esperamos, nem eu, nem tu. Portanto tem cuidado e abre os olhos.

All right, mestre! Oh! como os demonios! Onde está Snatterbox?

Sherlock Holmes procurou-o entre os que o acompanhavam; não o viu, porém.

—E' o demonio! murmurou o polica. E' capaz de cair n'alguma nova ratoeira e lá temos nós que trabalhamos para o tirar de lá.

O conde Alvida foi um dono de casa encantador.

Na grande sala da sua bibliotheca, foram collocados rapidamente por dois credos as cadeiras necessarias, além d'algumas mesinhas e d'uma porção de garrafas de champagne.

Em menos de dez minutos tinha-se formado um grupo ruidoso e alegre, contido apenas ligeiramente pela presença de Carmen.

Cabanos, que parecia ter bebido um pouco de mais, era de todos o mais alegre, enquanto Sherlock Holmes e Harry Taxon se mantinham n'uma prudente reserva. A bibliotheca do conde estava estranhamente mobiliada. Ao comprido da sala viam-se duas galerias, com bellos quadros. Entre elles estavam collocados grandes armarios com livros e, talvez a meio da grande parede, achava-se uma grande secretária que não dizia nada com a restante mobili.

Este movel provocára immediatamente a attenção do genial polica. Não por ser de carvalho massico, nem por estar, como Holmes descobriu immediatamente, completamente cheio de esconderijos. Não! Os olhos do polica tinham descoberto uma coisa que a ninguém, certamente, teria interessado: uma mão de gesso.

Quando Harry percebeu que o polica olhava constantemente para o mesmo ponto, perguntou em voz baixa:

—Para onde está olhando, mestre?

—Para aquella mão de gesso, meu rapaz.

—Tambem eu a vejo, mestre. Que achas n'ella de extraordinario?

—Alguma coisa, com certeza.

As ultimas palavras tinham sido pronunciadas em voz alta. Alguns dos convidados que mais proximo se encontravam, voltaram-se interessados, e começaram olhando egualmente para a secretária. O dono da casa tinha, porém, evitado tambem as palavras do grande polica e, no momento em que Harry o olhou, rapida, mas penitentemente, viu-o empallidecer.

A mão de gesso não estava certamente no programma do conde Alvida. Commetter com certeza um erro, que só agora reconhecia; e um d'aquelles erros capitais que até mesmo ao maior e mais cynico criminoso succedem algumas vezes.

Harry, porém, ainda não comprehendera o que se estava passando. Viu apenas que o conde Alvida não deixara, desde então, de ficar ameadoradamente Sherlock Holmes. O que, porém, mais o espantou, foi observar a mudança que se operava em Carmen, cujo rosto empallidara egualmente, tomando uma expressão de concentrado furor.

Sherlock Holmes, sem se deixar intimidar pelas oculares ameaças que só elle e Harry percebiam, levantou-se e dirigiu-se para a secretária.

—Poucas vezes tenho visto uma mão tão maravilhosamente modelada, sr. conde, pronunciou Holmes, medindo Sliip desasombroadamente com os olhos, enquanto nos labios lhe pairava o seu celebre sorriso.

D'esta vez, o sorriso era acompanhado por uma expressão intraduzivel d'ameaça.

—Mon Dieu! Uma simples mão de gesso! sorriu o conde Alvida, com um sorriso forçado. Nunca vii um peza-papeis assim, mestre?

—Muitas vezes! replicou Sherlock Holmes. Nunca, porém, um exactamente igual a este.

Assim dizendo, o polica pegou na mão com cuidado, tendo a pressa apenas com dois dedos, de forma que fosse possível examinalhe bem a firma.

Voltou-se de maneira que o panno escuro que forrava as paredes formava um optimo fundo onde ella se destacava.

Cabanos deu uma palmada na côxa.

—Com os demonios, sr. Holmes; o senhor tem o olho d'artista! Essa mão é um verdadeiro objecto d'arte.

Voltou-se para o futuro genro acenando-lhe:

—Ouve lá meu amigo: onde descobriste tu esta preciosidade? E' effectivamente de gesso? Compraste-a provavelmente a algum pobre esculptor, hein?

O conde Alvida cravou o monoculo e accenou afirmativamente:

—Exacto, querido pai! Comprei isso em Roma, a

um sr. Filippino, um escriptor bastante celebre. Mo delou essa mão sobre uma jóven aristocrata de quem se fallou muito tempo em Roma, justamente em virtude da extrema belleza das suas mãos.

Sherlock Holmes riu, Harry Taxon nunca ouviu o policia rir d'aquella maneira.

No sum d'aquella riso havia como uma tempestade occulta, como uma tempestade latente.

— Ah! Ah! o sr. conde está brincando! Então esse eígnor Filippino cortou a mão direita á pobre aristocrata romana?

Ninguém comprehendeu esta phrase.

Alvada, porém, comprehendeu perfeitamente. Os labios crispavam-se-lhe e os seus grandes dentes luziram com o de um lobo.

— A sua phantasia leve-a a extranhas concepções, sr. Holmes!

— Nunca tão extranhas, como o seu criminoso talento, Slip!

Ficaram todos como paralyzados pelo espanto. Ninguém percebia bem o que se estava passando. Contudo, todos comprehendiam que alguma coisa ia passar-se.

Alvada avançou repentinamente para o policia, ficando ambos frente a frente.

— Que quer o senhor? Está doído?

Cabannos, porém, que estava já bastante embriagado, zigzagou-se até junto de Sherlock Holmes e começou a examinar a mão com todo o cuidado.

— Hum! Belle, muito bello! Quasi poderia suppor-se que é uma mão que foi cortada! Mas é gesso, meu caro, gesso, gesso!

— Vê, sr. Cabannos, que esta mão de gesso tem um anel d'ouro no dedo meião? perguntou Holmes.

— É verdade! Que interessante!

— Vê, sr. Cabannos, que falta a pedra que pertencia a este anel?

— É verdade! Muito interessante, é pena. Com os demonios, meu caro genro, tens de mandar pôr aqui uma pedra. Verde ou vermelha. Deve fiar original, o brilho d'uma pedra de côr n'esta mão de gesso!

— O senhor podia pôr á disposição do conde Alvalda, para este fim, a esmeralda verde, retocquin Sherlock Holmes. A esmeralda estava primitivamente n'este anel e esta mão de gesso é a de sua filha Maria!

Cabannos abriu desmedidamente os olhos e a boca.

— O senhor é um troista, sr. Holmes. Minha filha Maria está em casa, deitada e a dormir.

— A que está em casa, a dormir, não é sua filha Maria, mas Dolores, a amante de Fernandez, o cabecilha dos rebeldes.

Durante alguns segundos reinou um silencio tragico. Só das pessoas podiam acreditar o que dizia Holmes: Harry Taxon e... Slip.

Os outros tinham uma sensação de terror, provocada pela maneira como fallára Sherlock Holmes.

A embriaguez de Cabannos começou a dissipar-se.

Carmen tinha-se encolhiço na poltrona. Como um gato bravo que espera o ataque, estava sentada com o cabelo desfeito e os olhos ardentes como braxas.

— Acosnelhe-lhe a mão brincar com coisas d'outras, sr. Holmes! disse Cabannos dirigindo um olhar ao futuro genro. O caso é este: já soltri muito por causa da minha filha Maria. Se bem que eu goste de rir e de folgar, peço-lhe que brinque com todo menos com o nome de minha filha. Pobre rapariga!

— Tem muita razão! Pobre rapariga! exclamou o grande policia, sem deixar a mão de gesso. Também gostaria de não aludir á morte, de nunca mais fallar n'ella, se não fosse necessario demasmarar um bandido. Nunca ouviu fallar de Slip, o grande assassino? De Slip, para quem não existem obstáculos? De Slip, que passa através do sangue e sobre cadaveres, para atingir os seus fins?

O conde Alvada, que tinha reacquirido pouco a pouco o sangue-frio, tornou a cravar o monocolo e perguntou friamente:

— Já ouviu fallar d'ella, sr. Holmes? De que accusa esse tal Slip?

Sherlock Holmes bateu com um dedo contra a mão de gesso. Ouvia-se um som extranho, nada parecido porém, com o som do gesso.

— Oíça-me, sr. Cabannos! continuo o policia. Este não é um tempo de esclarecer as coisas. Isto não é uma mão de gesso mas, repito-o pela ultima vez, a mão de sua infeliz filha, que está no fundo do mar, a vinte bragas de profundidade. com o «Santa Cruz».

Cabannos cambaleou. Os restantes convidados tinham-se erguido e rodeavam o policia. Este passou a mão de gesso, a todos, successivamente, e todos ponderam convencer-se que a mão não era de gesso, apesar de panno, dos ossos e dos dentes daren bem essa impressão...

— Esta extranha mudanca da mão é facil de explicar, disse o policia, sem perder de vista o conde Alvada, que se tinha encostado a um dos armarios e que o fixava continuamente. Já ha poucas horas ainda eu tinha duvidas e me debatia entre as thezuras, sr. Cabannos. Só quando me contos a historia da esmeralda e o extraordinario respeitoamento de sua filha, é que comprehendi tudo. Sua pobre filha, quanto a mim, não foi salva; pelo contrario, ella, como os restantes passageiros, submergiu-se com o «Santa Cruz». Agora penso que o corpo está já ha mezes dentro d'agua e já pode acreditar que parte d'ella se tinha calcificado, o que firma o fundo do mar n'aquelle ponto. Esta mão não é de gesso; a carne e os ossos é que se calcificaram; quasi pode dizer-se que se petrificaram. Se eu a deixar cahir no chão, partir-se-á em mil pedacos. O conde Alvada podia muito bem ter lançado esta mão novamente ao mar. Parece, porém, que uma marcada preferencia pelas variedades e por isso servia-se d'ella como piza-papis, um facto que faz duvidar honra á sua mysteriosa consciencia.

Cabannos amparado por dois amigos para não cair, ergueu-se: ... mas... não sei, tenho a impressão que, ou estou doído ou os outros o estão. Isso é... é... impossível. Eu quero porém, appellar para o meu bom senso. Vamos a vêr: o senhor é Sherlock Holmes, não é verdade? Diz-se que o senhor é o mais genial policia que tem existido, o logico mais sagaz e o maior psychologo. Pois bem: o que o senhor diz meozes ser ouvido. Quero prestar-lhe a maxima attenção e fazer o possível para seguir as suas ideias. O senhor diz que aquella mão foi cortada e que o foído cadaver de minha filha. O que disse de calcificação é bem comprehensivel. Mas diga-me: como foi possível encontrar o cadaver de minha filha?

— Isso pôde ter succedido de varias maneiras, retorquiu o policia. Passou-me até, só de depois de encontrar o cadaver de sua filha é que o criminoso architecto o plano de aproveitar esse facto para proceder ao engano e á substituição que devem ser unicos nos annos do crime. Só posso fallar por hypothese, pois nada sei ao certo. Julgo porém que o criminoso procedia á busca do thesouro que deve ter sido lançado ao mar junto ás costas de Cuba. E assim ter de do com o navio afundado, desmontando o cadaver, vem a saber por documentos que encontrão ou por narrações que ouviu, que era sua filha, em cuja morte o senhor ainda não queria acreditar e inventou immediatamente uma intrujia fabulosa para, por um lado, ter um pretexto para ficar em Cuba e, pelo outro, para, por um casamento rio, obter os meios para levantar do fundo do mar o thesouro do professor Clark.

— Bem! Bem! Comprehendo tudo! Mas diga-me: é possível existir uma creatura com instinctos tão bestias que, se pelo prazer das coisas macabras, cortasse a mão direita d'esse pobre cadaver? Sómente para a utilizar como piza papis?

Sherlock abanou negativamente a cabeça.

— Aquelle criminoso — o o olhar e o sorriso que dirigiu a Slip eram como o de um tigre — não fez nada porque elle assim procedeu, porém, foi outra. Não lhe fez eu notar o anel na mão que se suppunha ser de gesso, sr. Cabannos? E não vê que a pedra que pertencias a esse anel foi arrancada? Pois bem. O criminoso viu, quando descobriu o cadaver no «Santa Cruz», que havia um anel com uma pedra verde na mão direita. Pensou que esse anel seria a melhor grimação para aquella que elle faria apresentar-se como sendo sua filha. Por isso, e apenas por isso é que elle cortou a mão, tirou a esmeralda, fela encastou num novo anel e entregou a aquella que iria desempenhar o papel de sua fallecida filha. Se, realmente, alguma duvida se tivesse suscitado, o facto d'essa mulher possuir a esmeralda seria o sufficiente para o destruir e a duvida sobre a authenticidade da personalidade de sua filha.

Reinou novamente um silencio sepulchral. Slip estava sem duvida, reflectindo de que forma poderia

salvar-se. Viu que a saída estava tapada pelos convitados, que não lhe tiravam a vista de cima. Compreendia que vinte bragas se estenderiam para o agarrar, se fizesse a menor tentativa de fuga. E percia-se perfeitamente como o rosto se lhe contraia e o cerebro trabalhava febrilmente para encontrar uma saída, um meio de salvação.

Sherlock Holmes estava em frente d'ello, com os braços cruzados, tão certo da sua preza, que nem achava necessario approximar-se d'ello antes do ultimo momento.

Subitamente, e enquanto nada mais se ouvia do que a respiração offagante de Cabannos, um dos convidados objectou:

— As suas dedugões são quasi sobrenaturaes, sr. Holmes! Contudo, acho-lhe uma grande lacuna. A senhorita Maria não é uma rapariga vulgar. Cabellos louros são raros em Cuba. O senhor julga que o criminoso, logo que descobriu a morte no fundo do mar, tratou de, com todo o sociego, arranjá-la viva absolutamente igual? E não seria um caso incrível, o facto d'ella a encontrar tão depressa? E o senhor afirma que a substituição é a noiva de Fernandez? Mas todos sabem que esta foi assassinada. O proprio Fernandez gritou por toda a Cuba que lhe tinham lançado para dentro de casa a cabeça d'ella.

— A resposta não é difficil, replicou o policia. A senozinha da infeliz senozinha Maria existia antes de Slip ter achado o cadaver no fundo do mar, isto é, Slip não teria dado grande importancia ao cadaver se não tivesse notado a extraordinaria semelhança com uma rapariga, que elle conhecia. As coisas devem ter-se passado assim:

«Slip fugiu para Cuba e achou que a casa isolada do cabecilha Fernandez era o melhor esconderijo. Fernandez, a quem elle teria sabido intrujar, Deus sabe como, accetou-o como hospede e Slip aproveitou a sua estada para enlanguescer de tal forma Dolores, a amante de Fernandez, que esta enganou Fernandez e entregou-se-lhe.

«Quando Slip encontrou o cadaver no fundo do mar, tão extraordinariamente parecido com Dolores, surgiu-lhe o plano que os senhores muito bem sabem qual é. Raptou Dolores de casa de Fernandez e pôs em scena a refinada intrujia, tão bem preparada, que o proprio sr. Cabannos não sou o momento duvidar. — E a cabeça de Dolores, sr. Holmes? fano descreto tudo o que o senhor affirmar! gritou Cabannos, n'uma explosão de ódio.

O policia baixou a voz.

— Infelizmente, não lhe posso evitar mais um desgosto, sr. Cabannos, porque é preciso esclarecer o que ainda é, para os senhores, obscuro: Não é a cabeça de Dolores que está em poder do cabecilha Fernandez, mas sim a cabeça de sua filha Maria.

Ouvia-se um grito geral d'espanto e de horror. Cabannos arrancou os cabellos com desespero, gritando:

—Mas porquê, meu Deus? Porquê? Porquê?

—Não compreendes porquê? Não parece porquê Slip cometeu ainda a crueldade de cortar a cabeça ao cadáver? É fácil.

—Slip pensou que Fernandez não descançaria um instante, logo que soubesse do desaparecimento da amante. Pensou que Fernandez a procuraria em toda a Havana e que não descançaria enquanto não encontrasse a infiel.

«Slip devia recuar, portanto, não a polícia nem o sr. Cabanos, mas o seu ex-amigo Fernandez. Slip devia recuar o mais que a mim mesmo, pois ninguém como Fernandez podia destruir todo o plano da espantosa intriga. Bastava que Fernandez encontrasse por acaso a sua nova filha Maria e tudo estava perdido.

Esta possibilidade destruiu a Slip, provocando em Fernandez a convicção de que a amante tinha morrido.

«Desta forma evitaria todos os incidentes futuros, pois Fernandez juraria que a sua amada Dolores fôra assassinada. Pois se lhe tinham atirado para dentro de casa com a cabeça da pobre Dolores, como disse um dos senhores. Sómente a cabeça não era de Dolores, mas sim de Maria. Fernandez, porém, meio louco de dor, acreditou que Dolores fôra assassinada duma forma misteriosa e terrível, entornando-lhe o sangue por cima. Por isso elle não se admirou com a extranha aparência da cabeça, tanto mais que lhe reconhecia perfeitamente as feições e, especialmente, o maravilhoso cabelo louro, que, coiza extranha, ambas as raparigas tinham perfeitamente igual.

—Fernandez... repeti Cabanos, como n'um sonho. Fernandez! Então acreditou que Fernandez não encontrava o assassino da morte? Deitaria antes fogo a toda a Havana, do que deixaria fugir o assassino. Julga que elle o procurou? E julga que tudo isso seria verdade, se Slip ou o conde Alvada, meu Deus, não posso crê-lo! Explique-se, conde Alvada, se o conde Alvada tivesse realmente feito tudo isso, julga que Fernandez não o encontraria?

—Certamente que Fernandez o encontraria, se Slip não se tivesse transformado repentinamente em conde Alvada.

—Fernandez não recuaria perante o título.

—Não, certamente. Mas se a pessoa parecia outra! Eu lhe mostrarei como Slip appareceu a Fernandez.

Sherlock Holmes apontou para Harry Taxon.

—Foi esta a máscara que elle adoptou. Isto não lhe foi difícil, pois Fernandez nunca tinha visto no nenhum theatro na sua vida e pouco ou nada percebe de caracteristicação.

—Como pôde afirmar isso?

—Seio, porque, desde que desenháramos em Cuba, Fernandez tem perseguido o meu querido Harry com uma tenacidade de ferro e quer matá-lo por força. Depois que Slip viu a sua obra completa, transformou-se em conde Alvada, penetrou na sociedade cubana e achou ocasião de se apresentar á *señorita* Maria,

que não era outra senão Dolores, que tinha concordado em tomar parte na monumental intriga. Pergunto a Carmen, sr. Cabanos, se fallou ou não verdade, Cabanos riu-se. Ella tinha encolhido os hombros e nos labios via-se-lhe uma espuma branca. A rapariga olhava para o policia com olhos cheios de odio, com olhos mais terríveis ainda que os de Slip.

Fôram uns momentos horríveis.

—Oh! mas esta é minha filha! gritou Cabanos, dirigindo-se para Carmen. Esta é minha filha, ninguém m'a tirará!

—Nem eu digo o contrario, retorquiu Holmes. Deixaria, porém, sr. Cabanos, que não fôsse sua filha, porque se está tornando uma criminosa.

—Mentes! Mentes! Cão! Impositor! Bandido! gritou Carmen. Estas palavras eram tão pouco proprias d'ella, condição tão pouco com a sua figura deliada, eram uma tal expressão de maldade occulta, que todos os convidados concentraram a sua attenção sobre Carmen.

O conde Alvada fez subitamente um movimento para a porta e metteu a mão direita no bolso. Mas Sherlock Holmes estava tão perto d'elle que podia tocar-lhe com a mão. Sorriu apenas e disse-lhe:

—Não se mexa, Slip. Deixe lá, que eu tratarei do seu futuro. Se não fôr immediatamente a mão do bolso, dou-lhe um tiro.

Slip obedeceu hesitante, tirando a mão. Cabanos, dominado por todas as surpresas de que fôr victima n'aquella noite, lançou-se aos pés da filha, abraçou-a e exclamou, desorientado:

—Falla, minha filha! Dize que nada d'isto é verdade! Explica-te! Querias realmente commetter um crime?

—Não ha muitas horas ainda, envienou o chocholate da *señorita* Maria, disse Sherlock Holmes com socego.

Cabanos, porém, na natural ansia de desculpar Carmen, exclamou:

—Isso pôde parecer horrivel, mas não é tanto como parece, sr. Holmes! Carmen reconheceu talvez que a fingida irmã não era realmente Carmen, viu melhor que nós e quis fazer desaparecer essa infâmia.

—Carmen sabia naturalmente que a outra não era minha filha Maria e que era Dolores.

—Com certeza! Estou convencido que sim!

—Então não deve julgar tão severamente minha filha, sr. Holmes.

—Eu não teria dito nem uma palavra sobre este assumpto, sr. Cabanos, se ella não fôsse a amante do conde Alvada! Se ella não tivesse ajudado toda a intriga, pois nem o senhor, nem sua esposa cheios de amor, de ternura e da felicidade de tornarem a ter a filha que julgavam perdida, reconheceram o embuste.

«Os olhos caldos e frios da irmã, porém, reconheceram em pouco tempo todo o alcance do embuste e desmascararam Dolores.

«Mas Slip é um criminoso genial, e logo previu essa possibilidade. Por isso, quando ainda estava em casa,

de Fernandez, quando andava por ali apparendo ser Harry, começou a ter relações com Carmen e ella, totalmente cega, foi dominada por Slip, que fez d'ella seu instrumento.

«Talvez o bandido nem mesmo tivesse posto em scena todo o embuste e se contentasse com a conquista de Carmen, se tivesse bastante confiança n'ella e se estivesse certo de conquistar em breve a sua mão. Carmen era, porém, muito nova e Slip não podia esperar muito. Por isso, fez d'ella sua confidente e, como estivesse cada dia com mais ciúmes de Maria, isto é, de Dolores, deixou de obedecer ás ordens de Slip e tentou envenenar Dolores. De resto, pareceu-me que Dolores está mudada, pareceu-me até que está arrependida do embuste para que concorreu e que sente saudades da Fernandez, como se quizesse voltar para elle, como se tivesse horror a Slip, enfim, tenho como certo que ella recuou obedeer a Slip. Pergunte a Carmen, sr. Cabanos, se eu não tenho...

Sherlock Holmes não pôde terminar; enquanto olhava com attenção para Slip, Carmen dera subitamente um salto do pathos e tirando do peito um revólver, deu tres tiros, apontando para o policia.

A confusão que se estabeleceu foi indescriptivel, Sherlock Holmes voltou-se e fitou firmemente Carmen. Dois dos tiros pôde elle evitar, saltando rapidamente para o lado; a terceira bala, porém, pegou-lhe pelo braço esquerdo e fez-lhe um pequeno ferimento, que apenas interessou os tecidos molles. Immediatamente, antes que o policia se approximasse da rapariga, Harry Taxon estava junto d'ella, segurando-lhe ambos os braços que puxou para tras das costas.

Entretanto, todos os assistentes tinham voltado a sua attenção para Carmen e Cabanos. N'esse momento de completa confusão, Slip puxou rapidamente de dois revólveres que traxa escondidos nos bolsos. Em se- guida ouviram-se successivamente doze tiros. O fumo da pólvora, que invadiu esta parte da sala, onde estavam todos juntos, era tão denso que nada podia ver-se. Ouviram-se apenas os gemidos e os gritos d'alguns feridos.

Sherlock Holmes, em dois saltos, encontrára-se junto da porta. Quando o fumo se dissipou, viu-se que Slip não fugira pela porta, mas per uma das janelas. Saltara para o parapetto e, d'alli, por um relevo da cantaria, para a proxima janella de onde, com um salto audacioso, caíra sobre uma palmeira, por cujo tronco desceia.

Sete *caballeros* cubanos tinham pago aquella intriga com a saúde ou com a vida. Estavam estendidos no chão, ensanguentados. O policia não pôde tratar de mais nada que não fôsse a perseguição de Slip, para o que fôr ajudado por Harry, que immediatamente o seguiu. Apesar de procurarem com ferrea energia nas proximidades, apesar de chamarem em seu auxilio toda a policia da Havana, não foi possível prender o bandido.

Carmen foi presa pela policia. Cabanos foi ata-

do n'essa cadeia, noite, d'uma febre cerebral, e a pobre lida deitou transportou-se para casa, enquanto arrastados para o hospital os convidados feridos, para soffrerem o curativo.

Quando o prefetto da policia ordenou a prisão de Dolores, viu-se que fugira na mesma noite.

Nunca mais houve noticias d'ella nem de Fernandez. O facto de Fernandez ter desaparecido para sempre, fez convencer o policia, bem como outras pessoas bem informadas, que Dolores tinha saído com elle da Havana ou que, então, elle se tinha vingado da infiel e fugira em seguida.

Nunca se pôde apurar este ponto.

CAPITULO V

O thesouro do mar

—Quero estar preparado para todas as contingencias, dizia Sherlock Holmes para Harry. Tu partes immediatamente para Matanzas e tratas de fazer que o «Hope of England» seja trazido para a Havana. Vê se podes contractar dois ou tres engenheiros; douto plenos poderes. Com o balio dominamos espacos muito diferentes dos de Slip, e estou convencido que se ella não partir ainda da Havana, da mesma forma conseguiremos pôr-se a rasoaavel distancia de nós.

Harry Taxon cumpriu immediatamente as ordens do celebre policia. Partiu para Matanzas e no dia seguinte estava de volta com o «Hope of England».

Sherlock Holmes voltou para o hotel de mau humor, depois d'uma visita feita a Carmen.

—Está tão mal disposto, mestrei disse-lhe o discipulo. Compreendo que esteja furioso com a nova fuga de Slip, mas não comprehendo que, por esse facto, perca a coragem.

Sherlock Holmes sorriu.

—Nem perdi a coragem nem estou desesperado, meu rapaz. Estou apenas fatigado. Tive mais uma prova da existencia d'uma justiça divina, ou como lhe queiram chamar.

—Como, sr. Holmes?

—Cabanos está a morrer. Não pôde supportar o terrivel golpe que o feriu, e receio que a mulher não lhe sobreviva muito tempo. Uma das filhas perdida em circumstancias tão tragicas e a outra na prisão. A felicidade aquida, mas destruida na mesma hora! Cabanos confessou á hora da morte que possuía uma filha illegitima, havida antes do seu casamento. Deu-lhe o nome de Dolores e fez-a educar no interior de Cuba, sem voltar a occupar-se d'ella nunca mais.

—Essa Dolores tornou-se a amante de Fernandez, o chefe dos bandidos. Essa Dolores era realmente a

filha de Cabanos, não a que simulava ser, mas outra. E' ou não um terror? —

Harry queria replicar, mas foi interrompido pela entrada d'um homem, acompanhado por um creado cubano, que transportava duas enormes caixas.

—Sr. Holmes, eis-me aqui, disse o recém-vindo, que era desconhecido para Harry.

O policia replicou: —Temos que esperar até que seja escuro, sr. Howell e mergulhadores então.

—Que tencionava fazer, mestre?

—Apresento-te o sr. Howell, mergulhador ao serviço da marinha americana. Esta noite mergulhará com elle no mesmo ponto onde naufragou o «Santa Cruz». Slip, pelo seu crime, mostrou-me o ponto exacto onde Jack, o negro, occultou o thesouro do professor Clark. Lançou o só mar, pouco mais ou menos no lugar em que a floresta se prolonga até junto da costa, a cinco milhas da Havana. Elle não te disse, pois, a completa verdade, mas também é possível que não a tenhas comprehendido bem. Slip, porém, estava bem informado e não precisou de longas pesquiza.

Ao baixar da noite, Sherlock Holmes, Harry e Howell, dirigiram-se de barco para a bahia, no golfo do Mexico.

Nas alturas de Guana Bacoa, Holmes começou a envolver o facto de mergulhador, ajudado por Harry. Por fim collocou o capacete e o policia ficou occulto por uma verdadeira coraça impermeavel, semelhante um monstro, tão pouco parecido com um homem como com qualquer outro animal.

Mergulharam ambos lentamente, enquanto Harry, que fora rapidamente indutido por Howell, trabalhava com as cordas e o aparelho de signal.

Não era a primeira vez que Holmes descia ao fundo do mar vestido com o fato de mergulhador. Tinha alguma experiencia e ponde, por conseguinte arriscar-se sem difficuldade.

A experiencia deu o melhor resultado. Quando o grande policia, umas duas horas depois, voltou á superficie e subiu para o pequeno barco, vinha completamente satisfeito.

—Contei mais d'uma duzia de pequenas caixas de ferro, situadas junto do casco do navio e arrombámos uma, contou Holmes ao discipulo.

—Que continha essa caixa?

—Ourol respondeu o policia sorrindo. Por cima ouro e por baixo papéis. A fortuna da pobre miss Clark, que espera em Londres as nossas noticias, já nos conseguimos tirar do bandido. Agora temos de dar cabo d'elle de vez, é isso, Harry, que deve ser agora todo o nosso fim, e não descansar enquanto não o atingirmos.

—Atirah, mestre! Cê por mim hei de fazer-lhe toda a diligencia!

Quando o bote ia entrando no porto da Havana, por entre as tres canhoneiras americanas fundeadas,

Sherlock Holmes e Harry perceberam que se passava qualquer coisa anormal no cas.

Logo que desembarcaram, viram um grupo compacto de homens, junto do cas.

Sherlock Holmes e Harry aproximaram-se, enquanto Howell tratava de pôr em segurança os seus aparelhos de mergulhador, com o auxilio do creado cubano.

—Que succedeu? inquiriu Sherlock Holmes, penetrando até ao centro do circulo.

—Assassinaram um homem, retorquiu um empregado da policia.

O policia e Harry viram então a victimia d'um novo crime. O infeliz estava completamente nu. Tinha os cabellos cortados rentes, o rosto forte, de expressão quasi brutal. Tinha os olhos fechados e por entre os labios saia-lhe um fio de sangue.

Uma brida profunda atravessava-lhe o queixo e pecto, tendo outra semelhante no dorso. A lamina tinha indubitavelmente chegado ao coração, pois o corpo estava ainda quente, apesar da morte se ter dado havia já alguns momentos.

—Não tem a menor suspeita de quem poderia ter sido o assassino? perguntou Holmes aos agentes, que ali se achavam, hesitantes, esperando os moços com a maca, que havia de conduzir o cadaver.

O agente que tinha respondido á primeira pergunta do genial criminalista, reconheceu subitamente Holmes, á luz da lua, exclamando:

—E' o senhor, sr. Holmes! Vem mesmo a proposito. Estamos perfeitamente ás aranhas, quanto ao que aqui se passou. Bem sabe que não é raro acontecer aqui noasas canhoneiras. Qual é o ponto de tocam muitos navios, que não succedem frequentemente assassinatos?

A situação torna-se ainda mais difficil pelo facto de estarem para partir d'aqui a momentos bastantes dois barcos americanos.

—Aposto quanto quizerem que foi outra vez algum d'esses marinheiros elvicos que fez das suas.

—A victimia é com certeza um americano! commentou um dos presentes.

—E' Mas qual se ria sua occupação?

—Naturalmente foi assassinado em qualquer outro ponto e trazido para aqui, depois de o despirarm. Sô o diabo será capaz agora de descobrir quem é e d'onde vem!

Sherlock Holmes, entretanto, tinha-se curvado sobre o morto e começou a observá-lo o corpo com aquella extraordinaria attenção e cuidado que eram sempre o preliminar dos seus trabalhos e successos.

—Não creio que fossem marinheiros os assassinos! exclamou, passados alguns momentos.

Justamente n'essa occasião ouviu-se um agudo silvo e todos puderam ver distintamente dirigir-se para a saída do porto, uma sombra de grandes dimensões, com duas grandes chaminés e dois mastros como torres.

Sherlock Holmes abafou um grito.

O assassinado era um marinheiro! murmurou, fallando mais para si que para os restantes.

O agente da policia cubano exclamou, admirado:

—Como pôde saber isso, sr. Holmes?

O grande policia retorquiu, com impaciencia: —Julgo que a sua experiencia lhe devia já ter mostrado a tatusagem que esse homem tem no braco esquerdo.

—E que os trabalhadores do nosso porto tambem são tatusados, em grande numero.

—Pois sim! Os trabalhadores do porto são, porém, quasi todos cubanos, e este tem distinctamente desenhada a bandeira americana com o numero da esquadra a que pertence.

—Não é nenhum trabalhador do porto. Contractista dos engenheiros, Harry? perguntou Holmes, subitamente, voltando-se para o seu discipulo.

—Sim, sr. Holmes. Um em Matanzas e um na Havana. Estão juntos do «Hope of England», prompto a largar. O balço está ancorado sobre sete grandes lançadras, prompto para a partida.

—Está bem. Vamos embora. Deus permita que não seja preciso ainda perder tempo a procurar os engenheiros.

—Não, mestre. Moram perto do porto e avizei-os, para que nos esperassem a todo o momento.

Harry Taxon ia correndo ao lado do policia, que marchava em passo gymnastico.

—Não será possível, mestre, que esteja enganado? Talvez que o assassino do marinheiro ainda esteja na Havana. Não será mais importante perseguir Slip do que esse desconhecido?

—Pois não perseguimos Slip, meu rapaz.

—Como é que sabe que foi Slip o assassino d'aquelle homem?

—Eu não sei se foi elle, Harry. Se eu sempre tomasse as minhas medidas contando apenas com o que sei, nunca teria conseguido nada. Calculo, porém. Vê-se distinctamente que não houve lucta. O homem foi simplesmente atacado pelas costas e apunhalado. O motivo não deve ter sido o dinheiro. Primeiro porque era um marinheiro vulgar, vê-se bem no cadaver.

Segundo, porque nenhum criminoso que pretende roubar dinheiro e que conhece os habitos dos marinheiros, pôde contar encontrar dinheiro na posse d'um homem que vem embarcar, depois do navio ter demorado muito n'um porto e da tripulação ter tido licença para vir a terra. Um criminoso que supgrasse que o pobre homem tinha dinheiro, tel-o-hia morto quando elle desembarcasse e não ao voltar para bordo.

De resto, parece que não deram pela falta d'elle, pois quando um tripulante não chega a bordo á hora marcada para a partida, é avisado primeiro por um tiro de canhão e depois ainda o procuram. Nós, porém, nem ouvimos disparar, nem sabemos que andassem á procura de algum desertor da esquadra.

«A coisa é bem simples. O homem não foi despo-

jado do vestuario como o fim de o não reconhecerem depois do morto, pois é claro que, pela tatusagem, é fácil saber se é amanhã quem é e até que pertence á esquadra. O fato foi-lhe tirado porque aquelle que o matou precisava d'esses objectos. Não notaste que aquelle infeliz tinha algumas pareoções com Slip?

—Exacto, mestre! Agora que o senhor fala n'isso lembro-me perfeitamente.

—Ah! tens. Slip matou o pobre diabo, apoderou-se-lhe do fato e navega n'este momento, transformado em marinheiro, no oceano.

—E julga que poderemos alcançá-lo?

—Tenho essa esperança! Não esqueças que temos á nossa disposição «Hope of England». Seguiremos a esquadra e encontraremos finalmente esse de nos apoderarmos d'esse bandido.

Harry parou subitamente, gritando:

—E Scatterbox, sr. Holmes! Falta Scatterbox! Então havemos de partir sem elle?

—Scatterbox e mais Scatterbox! Sempre a mesma coisa! Se elle não se importa com o mesmo, também nós não temos que nos importar com elle.

Tinham, entretanto, chegado junto do «Hope of England». Viram o gigantesco balço, movendo-se lentamente com o vento, para um outro lado, qual gigantesco charuto.

Os dois engenheiros contractados por Harry appareceram em breve. Apesar d'isso passaram-se ainda algumas horas primeiro que o «Hope of England» estivesse apto a elevar-se. Nasceu o dia. Ao mesmo tempo, o balço, depois d'uma tentativa hesitante, elevou-se serenamente, manobrou na presença d'uma grande multidão que accorreu rapidamente, depois da hora matutina. Dirigiu-se primeiro vagrosamente ao longo da costa e tomou em seguida o rumo das Bermudas, começando então a mover-se com enorme velocidade.

Os navios da esquadra deviam reunir-se todos, segundo as ordens do almirante, nas proximidades das Bermudas. E Scatterbox?

A Scatterbox succedera entretanto uma estranha aventura. Quando Sherlock Holmes e Harry saíram do theatro, com outros convidados, para se dirigirem a casa do conde Alrada, Scatterbox preferia seguir a sua adorada americana, miss Margot. Esta dirigia-se para sua casa, acompanhada pelo tenente de marinha. Scatterbox seguiu-a, primeiro de longe, e foi-se aproximando, até que o official, que já notara o atrevido perseguidor, não se conteve e se aproximou d'elle.

—Que quer o senhor, que vem sempre atrás de nós?

Scatterbox plantou-se deante d'elle, replicando: —Senhor! Não se intrometta commigo. Olhe que eu sou bôuvar de profissão em Inglaterra!

—Eu na America! respondeu, rindo, o americano. Tama cuidado, pequena, senão faço-te o sapar no chão de maneira tal que nunca mais poderás levantar-te.

Compreende-se como Snatterbox ficou offendido com tais palavras. Voltou-se para a mãe, dizendo: — Aceita o meu braço, minha senhora, que eu a defenderei d'esse grossiúdo.

A rapariga riu, abraçou e beijou o official e entrou para casa, em frente da qual se encontrava. Snatterbox fariou por se ver proterido pelo palerma do official, como elle lhe chamava, foi o segundo até ao porto.

Snatterbox estava resolvido a conquistar por todos os meios o amor da bella americana. E como supunha que a bella rapariga não correspondia ás manifestações do seu affecto, sentiu por recoso o brutal americano, resolveu-se a dar cabo d'elle, fôsse como fôsse.

Reflectindo na maneira de lá conseguir foi o segundo até ao porto. Um grande escalor tripulado por marinheiros esperava encostado á muralha. O tenente saltou para dentro d'elle e acendeu um cigarro; o barco comtudo, não partiu logo, porque esperava outro official.

Enquanto todos os marinheiros voltavam a sua attenção para o mar, para verem um dos grandes navios americanos que lá justamente levantar ferro, Snatterbox conseguiu esconder-se debaixo do banco do official sem que dessem por elle.

— Logo que estivermos ao largo, levanto-me de repente e deito-o ao mar! pensou Snatterbox, encalhando-se.

Dez minutos depois veio o outro official e logo a seguir um marinheiro, que pegou n'um dos remos.

Os planos de Snatterbox, porém, breve se dissiparam, quando, ao lançar um olhar, prudentemente para

fôra do seu esconderijo, reconheceu n'um dos marinheiros que remavam, Slip, o bandido.

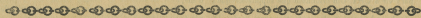
Petribado pelo espanto, Snatterbox ficou immovel no seu lugar. Porém, no momento em que o barco encostava a um dos submarinos da esquadra, Snatterbox saiu do seu esconderijo, e, saltando como um tigre sobre Slip, gritou:

— Até que enfim, patife! Em nome da lei... Não podes continuar. Meia dúzia de mãos solidas, servidas por musculos mais solidos ainda, ruíram-lhe nas costas com todo o vigor e como do navio alimentante dessem ordem para levantar ferro immediatamente, o commandante do submarino tomou a resolução de encerrar o humilhado n'uma pequena cabine, para ser entregue ás autoridades do primeiro porto em que tocassem. Em seguida, o submarino partiu. Enquanto Snatterbox ficava preso a bordo do submarino e Slip, o mais arrojado de todos os criminosos, fazia o seu serviço a bordo do navio americano, Sherlock Holmes aproximava-se a bordo do baido «Hope of England», cuja velocidade, maior que a de qualquer barco, lhe permitia alcançar a esquadra.

A gigantesca aeronave surgiu por sobre os navios, mas não havia de ser ainda d'esta vez que o celebre policia conseguia dominar Slip.

A forma porque este extraordinarissimo facinoroso conseguiu encapar-se do submarino, as estranhas aventuras por que passou Samuel Jonathan Elowar Snatterbox, que ficou curado das suas manias, a situação quasi desesperada em que se viu Sherlock Holmes e Harry Taxon, na sua ultima lesta com Slip, tudo isso será descrito circumstanciadamente no proximo numero.

FIM



Ler no proximo numero:

Osegredo da tabaqueira

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dufart)

O Amor nas suas diversas manifestações, reger, reger e reger paetivamente o mundo. Provando-o estado das civilizações antigas, os costumes, as crenças e a tradição e de todos os povos até a actualidade e a nossa vida contemporânea.

E talar as aterrações a que os poibos desvairados conduza os homens, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que se encontram neste geral Desequilibrados do Amor, e nos quaes os vícios contra a natureza, o hermaphrodismo, a hybris, a depravação e a sumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos Desequilibrados do Amor achá-se publicados o primeiro volume.

O Feticichista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre um dos mais recentes e curiosos manifestações da hereditariedade os seguintes: 1.º no próximo:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- O Mystérico
- Os Fagellantes, etc., etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, notadamente impressa em bom papel

REIS

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien de Auzanar
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LERIAM TODOS
O conquistador de eriasdes

Illustrate romance d'aventuras palatinas
Um grosso volume com capa artistica e gravuras 300

Como se conquistaram MULHERES
Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GYMNASICA SUECA

por L. C. Kamlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O caso d'uma perna | 19 Resurreição de Jackson |
| 3 Enredo d'um milardo | 20 Saptado de delictos |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policia |
| 6 Um attentado a ferro-carril | 23 Um milardo de francos |
| 7 A creencia martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um diamante nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O sardado do conde |
| 12 Jackson, em poder dos banditos | 29 Tragedia no arca |
| 13 O caso policia | 30 A derrota dos banditos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O derrubado dos cadáveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas facanhas notáveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Série completa, 2.000 rs.

REIS

LIVRO DE LEITURA JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas e photographias de paginas

para a 4.ª classe dos Lyceus

1 volume illustrado 400 rs.

REIS

Colleção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arséniu Lupin, gatinha da alta roda, por Maurice Le Maré (Esp.) 2. O Homem Mysterioso, Guy de Trémont 3. O lençol de ouro, Pierre Gifford 4. Arséniu Lupin contra Herlock Holmes, Maurice LeMaré 5. Um grilo na treva, Goldschmidt 6. O Prisioneiro de Mario, G. Le Rouge 7. O Club dos Ladres, Henry A. Bering 8. A Agulha de ouro, (Novas aventuras de Arséniu Lupin) M. LeMaré 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi 10. A Virgem Tormentada, Pierre Gifford 11. O Canhão de somenos, Paul d'Ivoi 12. Qual dos tres grande romance policia, A. O. Green 13. A Guerra dos raptos, G. Le Rouge 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton 15. As tres patinadas, (sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi 16. Roma, a mysteriosa, por Ch. Foley 17. 813, (Novas aventuras de Arséniu Lupin) por M. LeMaré 18. Em Fúria, por Henri de Régnier 19. O Palácio subterrâneo, por Max Pemberton 20. Um crime tenebroso, por A. Golopis 21. A sombra mysteriosa, por Ferny Home

350 rs. Cada vol. in-4º, contendo a materia de um

350 rs. cccc grosso vol. in-8º, de 300 000 rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

A MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilegios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

Empresa LUSITANA EDITORA

✦ Calçada do Ferregial, 23, Lisboa ✦



TRABALHOS typographi-
cos em todos os generos

Especialidade em impressão
a cores pelo processo da
TRICHROMIA

Jornaes, Revistas illustradas
Minutas, Catalogos, etc. etc.

ENCADERNAÇÕES em todos
✦ os generos ✦

Preços modicos

Telephone n.º 1:302

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimido d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio feminino 4. Cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caça aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duquesa 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batata. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico peigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinês. 24. A casa dos sete demonios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demonios do Oriente. 28. Descida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDER

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8.º grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700